



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI



CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GIOVANNI ALVES DE SOUSA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS

DAVI ALVES LIMA

**MARCAS DE GÊNERO NA IDENTIDADE DO PERSONAGEM
PÁTROCLO EM *THE SONG OF ACHILLES*, DE MADELINE MILLER**

PIRIPIRI

2025

DAVI ALVES LIMA

**MARCAS DE GÊNERO NA IDENTIDADE DO PERSONAGEM
PÁTROCLO EM *THE SONG OF ACHILLES*, DE MADELINE MILLER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado(a) em Letras Inglês, sob a orientação do Prof. Dr./ Francisco Romário Nunes.

PIRIPIRI - PI

2025

L732m Lima, Davi Alves.

Marcas de gênero na identidade do personagem Pátroclio em The Song of Achilles, de Madeline Miller / Davi Alves Lima. - 2025.
55f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Inglês, Campus Antônio Giovanni Alves de Sousa, Piripiri - PI, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Francisco Romário Nunes".

1. Romance. 2. Bildungsroman. 3. Identidade. 4. Queer. 5. The Song of Achilles. I. Nunes, Francisco Romário . II. Título.

CDD 420

Dedico esta monografia aos meus pais,
que sempre me apoiaram em todos os
momentos durante meu processo de
formação e nunca mediram esforços para
fazer eu chegar aonde cheguei e
acreditaram em meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à UESPI e ao curso de Letras Inglês por me proporcionar quatro anos de muito aprendizado e evoluções, contribuindo para chegar aonde cheguei. Agradeço ao meu professor orientador, Francisco Romário Nunes, por ter me dado total apoio na execução deste trabalho, e sempre me apresentar assuntos e autores novos que agregavam à minha pesquisa. Agradeço às suas aulas de inglês que contribuíram significativamente na minha evolução; em especial às minhas disciplinas preferidas como: poesia, cultura dos povos e evolução histórica da língua inglesa.

Agradeço à professora Sharmilla O'hana e ao professor Jivago Araújo, por suas aulas sempre muito didáticas e esclarecedoras. Agradeço ao professor Jivago por suas aulas práticas, que me ajudaram a me aprimorar. À professora Sharmilla, obrigado pelos seus ensinamentos de TCC, que foram muito importantes durante meu processo de escrita. Agradeço também por ter me proporcionado teorias e temas que fizeram esse projeto ser concluído, sem os quais esse trabalho não seria possível. Minha eterna gratidão também à professora Lylia Rachel, que sempre se manteve pronta para nos ajudar em todos os aspectos. Sem suas ajudas com seus projetos e bolsas, eu não teria conseguido concluir esta etapa. Agradeço por sempre acreditar em mim e não me deixar desistir com seus conselhos maravilhosos. Sou grato também aos nossos momentos de aula, sempre com muitas pautas, debates e aprendizados.

Agradeço à maravilhosa amizade das minhas queridas amigas. Obrigado à Wal, Thay Russo, Daiana e Viviane, minha flor. Obrigado por me incluírem em seu grupo, pelos momentos juntos de aprendizagem, pelas gargalhadas e por me ajudarem nos momentos de complicações.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, Lena e Antônio; obrigado por sempre acreditarem em mim, por não medirem esforços e sempre terem feito o possível para me incentivar e me tornar quem eu sou. Um muito obrigado mais que especial para minha prima Karine, por sempre estar ao meu lado em todos os momentos e me amar como eu sou.

Não sei, deixo rolar. Vou olhar os caminhos, o que tiver mais coração, eu sigo. (Caio Fernando Abreu).

RESUMO

O presente trabalho investiga o romance *The Song of Achilles* (2011), de Madeline Miller, com foco na análise do protagonista da narrativa, Pátroclo. O objetivo principal da análise é entender como o amadurecimento e a formação da identidade de gênero do personagem são desenvolvidos. Logo, para alcançar este objetivo, a pesquisa se apoia nos estudos sobre o Bildungsroman, identidade e teoria Queer, a partir dos seguintes autores: Pulga (2016); Maas (2000); Hall (2006); Louro (2004); Butler (2018); Foucault (1988); entre outros. Este trabalho é caracterizado como uma pesquisa de cunho exploratório, abordagem qualitativa e bibliográfica. Quanto à análise, foram explorados e observados os obstáculos presentes na vida do protagonista que refletem na formação da sua identidade de gênero, e como o personagem encara o padrão social estabelecido na sociedade em que está inserido. Por meio da análise, foi possível identificar os estímulos externos e internos que contribuíram para o amadurecimento emocional, físico e social do personagem principal.

Palavras-Chave: Romance; *Bildungsroman*; Identidade; Queer, *The Song of Achilles*.

ABSTRACT

This research investigates Madeline Miller's novel *The Song of Achilles* (2011), focusing on the analysis of the narrative's protagonist, Patroclus. The main objective of the analysis is to understand how the character's maturation and the formation of his gender identity are developed. To achieve this goal, the research is based on studies of the Bildungsroman, identity, and queer theory, based on the following authors: Pulga (2016); Maas (2000); Hall (2006); Louro (2004); Butler (2018); Foucault (1988); among others. This work is characterized as exploratory research, with a qualitative and bibliographical approach. As for the analysis, the obstacles present in the protagonist's life that reflect on the formation of his gender identity were explored and observed, as well as how the character faces the social standard established in the society in which he is inserted. Through the analysis, it was possible to identify the external and internal stimuli that contributed to the main character's emotional, physical and social maturation.

Keywords: Novel; *Bildungsroman*; Identity; Queer; *The Song of Achilles*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DEFININDO O <i>BILDUNGSROMAN</i>: ROMANCE DE FORMAÇÃO.....	14
2.1 O ADVENTO DO ROMANCE MODERNO.....	14
2.2 SURGIMENTO E PARTICULARIDADES DO <i>BILDUNGSROMAN</i>	16
2.3 SUBGÊNEROS ORIUNDOS DAS DIFERENÇAS SOCIAIS.....	20
3 ASPECTOS DA SEXUALIDADE PELO VIÉS DO DISCURSO QUEER.....	23
3.1 A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: HOMOSSEXUALIDADE.....	23
3.2 O CONTEXTO DO HOMOEROTISMO GREGO ANTIGO.....	29
4 “A DIVINDADE, O MORTAL E O MENINO QUE ERA AS DUAS COISAS”: A IDENTIDADE DE GÊNERO EM <i>THE SONG OF ACHILLES</i>.....	33
5 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Lançado pela escritora norte-americana Madeline Miller em 2011, o romance *The Song of Achilles* (traduzido no Brasil como *A Canção de Aquiles*, por Gilson César Cardoso de Sousa, e publicado pela editora Jangada em 2013) gira em torno do personagem Pátroclo. A obra é uma releitura do mito da *Ilíada* do escritor grego Homero. A narrativa se passa na Grécia antiga, todavia, divergindo da epopeia de Homero, Pátroclo vive um romance homoafetivo com o personagem Aquiles, guerreiro semideus. Narrada pelo próprio personagem, a narrativa acompanha a vida do jovem, desde sua infância, passando pela adolescência até chegar à vida adulta, quando se dá o desfecho final da história, assemelhando-se ao original. Por essas vias, torna-se possível um estudo crítico acerca da vida do personagem, acompanhando seu relacionamento, vendo seu crescimento e evolução, bem como a formação da sua identidade, sendo essa a delimitação do trabalho.

Dada essa ideia, o trabalho tem como objetivo geral analisar a construção da identidade de gênero do personagem principal, Pátroclo, na obra *The Song of Achilles*, de Madeline Miller, a partir do conceito de *Bildungsroman*. Que, por sua vez, está dividido em três objetivos específicos, sendo eles: 1 - compreender o conceito de *Bildungsroman* e suas reverberações no romance contemporâneo; 2 - estudar o conceito de sexualidade a partir dos estudos de gênero; e por fim, 3 - investigar a identidade da personagem Pátroclo, na narrativa *The Song of Achilles*, em relação às questões de gênero no contexto do *Bildungsroman*.

A justificativa deste trabalho se dá por questões de representatividade. Julga-se necessário relatar e falar sobre o crescimento de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+. Analisar a vida de Pátroclo e Aquiles é relatar o crescimento/amadurecimento/evolução de jovens queers e mostrar as dificuldades que são encontradas durante esse processo. Outrossim, o medo do julgamento, dos olhares e da violência, que muitas das vezes se mostra fatal, geralmente ocasiona na restrição de seus sentimentos e identidades; como evidencia-se ao longo da obra, visto que Pátroclo e Aquiles passam quase a vida inteira escondendo sua relação por conta da repressão social e o medo dos julgamentos alheios. Todavia, ao final do romance, já mostrando suas evoluções, ambos pouco se importam em esconder a relação. No fim, os dois estão suficientemente maduros para entender seus sentimentos.

Ademais, a escolha das teorias do *Bildungsroman*, Queer e Identidade se mostra importante, pois a partir delas conseguiremos estudar o amadurecimento do jovem Pátroclo desde sua infância até a vida adulta, bem como analisarmos a construção de sua identidade como um jovem em um relacionamento homoafetivo. Logo, o estudo serve como um estímulo e inspiração para pesquisas vindouras, como também poderá compor de fortuna crítica para a autora. Assim sendo, utilizar um objeto de estudo com um casal homoafetivo como centro se mostra uma forma de resistência e de acesso a lugares antes não alcançados.

Isto posto, a partir do problema de pesquisa que se configura em entender, pelo viés do conceito de *Bildungsroman*, como se dá o desenvolvimento, tanto social como emocional, do personagem Pátroclo em relação à sua sexualidade, vivendo em uma sociedade heteronormativa¹, a pesquisa contou com três hipóteses a serem comprovadas ou refutadas ao final do trabalho. Sendo elas: 1 - O *Bildungsroman* nos permite perceber e entender como ocorre a evolução e a autoaceitação de personagens no contexto dos romances contemporâneos; 2 - a imposição da heteronormatividade pela sociedade contribui para o preconceito contra homossexuais, privando-os de direitos básicos; 3 - ao longo do romance, Pátroclo reconhece sua sexualidade e constrói sua identidade como um homem gay, indo contra a sociedade homofóbica em que está inserido.

No que concerne à metodologia utilizada, o trabalho foi realizado, portanto, seguindo a ideia de natureza básica, sendo uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. O método de abordagem utilizado foi o hipotético-dedutivo, com o procedimento de cunho monográfico. Ademais, a pesquisa focou na utilização de livros, artigos científicos, e repositórios na internet, sempre conferindo a veracidade das informações obtidas.

Destarte, para chegar-se ao objetivo esperado, o presente trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, dividido em três seções, inicia dando um breve contexto do surgimento do Romance Moderno no século XVIII, quando, saindo de histórias épicas, de aventura e heróis, passou a focar mais no ser humano como um indivíduo social, assemelhando-se ao ser real. Nesse contexto, utilizamos os autores Watt (2010) e Moretti (2009). A segunda seção dedica-se a explanar sobre o

¹ Conceito que refere-se à heterossexualidade como sendo a única orientação sexual "normal" e desejável, dessa forma, idealizada como a norma a ser seguida pelos integrantes de uma sociedade. Assim, marginalizando outras orientações, classificando-as como desviantes ou "anormais".

surgimento e expansão do conceito de *Bildungsroman*, destacando suas características e aplicações dentro dos romances contemporâneos. Para esses fins, foram estudados autores como Puga (2016) e Maas (2000). No final do capítulo, destacam-se como as diferenças – sejam elas sociais, culturais, raciais etc. – influenciam fortemente nas formulações das identidades pessoais dos indivíduos.

O segundo capítulo foca em entender a história da sexualidade a partir do discurso *Queer*. A primeira seção explana brevemente sobre a história de repressão e preconceitos aos quais pessoas homossexuais vêm enfrentando ao longo da história; e, como o enfrentamento e resistências de pessoas da comunidade LGBTQ+ foram desenvolvidos, assim, surgindo o discurso *Queer*, em meados dos anos 1980. Em continuação, o capítulo explica as nuances, abordagens e características presentes dentro da teoria *Queer*, para isso aborda os seguintes autores: Butler (2018), Foucault (1988) e Louro (2004). Na segunda e última seção, é apresentado um breve contexto da homossexualidade e do homoerotismo durante o período da Grécia antiga, sendo motivado pelo fator de que a obra analisada se passa no mesmo período. Para isso, foi utilizado o trabalho do autor Vrissimtzis (2002).

Finalmente, no terceiro capítulo de análise, após a união dos dados encontrados e explanados durante a parte de fundamentação, buscou-se analisar, a partir de trechos da obra *The Song of Achilles*, como se deu a formação da identidade de gênero do personagem principal, Pátroclo, bem como seu desenvolvimento e amadurecimento. O capítulo investiga os aspectos acerca das relações familiares do protagonista, do seu relacionamento com Aquiles, bem como o ambiente e época em que ele se encontra. Logo, a narrativa permite uma maior análise de seus anseios, medos e desejos enquanto um indivíduo social.

2 DEFININDO O *BILDUNGSROMAN*: ROMANCE DE FORMAÇÃO

Este capítulo aborda o gênero Romance, tratando desde seu início no século XVIII, até os dias de hoje, entendendo o que caracteriza o romance moderno e o que levou ao seu surgimento. Para isso, utiliza-se de autores como Watt (2010) e Moretti (2009). Em continuidade, o capítulo abordará o conceito do *Bildungsroman*, explicando o contexto de seu surgimento no século XVIII, e exemplificando seus objetivos e a forma de uso, assim, mostrando-se evidente o porquê de sua importância para a pesquisa. Para esses fins, foram utilizados autores como Maas (2000) e Puga (2016).

2.1 O ADVENTO DO ROMANCE MODERNO

Para dar início a esse trabalho, julga-se necessário explanar sobre um dos pontos principais da pesquisa, como também do objeto de estudo: o Romance. Para boa parte de desconhecedores do gênero ou da literatura, o romance não passa de uma história de amor, o que de fato não é uma narrativa inexistente dentro do gênero, todavia, veremos que o romance engloba outros enredos.

O romance moderno vai surgir na Europa do século XVIII. Divergindo do que era visto no século anterior, no qual consistia em sua maioria em narrativas heroicas, medievais e de cavalaria, com elementos amorosos; o romance moderno irá migrar da ficção antiga e partir para enredos mais realistas. Nomes como Samuel Richardson, autor de (*Pamela*, 1740), Daniel Defoe (*Robinson Crusoé*, 1719) e Miguel de Cervantes (*Dom Quixote*, 1605), são uns dos mais conhecidos quando falamos sobre o surgimento e difusão do romance moderno. O último, por mais que escrito no século XVII, se classifica como tal em virtude das características de sua narrativa.

Muitas são as características do romance moderno. De acordo com Watt (2010), autor de *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*, os romancistas modernos já não mais usavam das mitologias, lendas e histórias passadas para escreverem suas narrativas, o que contava aqui era a busca por retratar as experiências humanas que fossem mais próximas ao realismo; o que nem sempre era fácil, visto que, comparado com romances épicos e heroicos anteriores, os romances que surgiam não pareciam muito atrativos para o público

leitor. Para Watt, “comparado à tragédia ou à ode, o romance parece amorfo — impressão que provavelmente se deve ao fato de que a pobreza de suas convenções formais seria o preço de seu realismo.” (Watt, 2010, p. 14).

Em *O cânone mínimo: o bildungsroman na história da literatura*, Maas (2000, p. 23) afirma que “o romance realista mostra-se como uma forma capaz de retratar o ‘homem comum’, mediano. Não se representam mais seres de capacidade, força e coragem extraordinárias [...]” (2000, p. 23). Por “homem comum” podemos entender aquele indivíduo que buscara um certo lugar na sociedade, uma pessoa instruída, mas também cheia de emoções e sentimentos humanos, em busca do “auto-aperfeiçoamento e seu lugar no mundo.” (Maas, 2000, p. 23).

Como escreve Watt (2010), um aspecto importante para o romance seria a caracterização dos personagens. Havia uma necessidade de definir os personagens como pessoas individuais, logo, existia então uma preocupação maior entre os romancistas para dar personalidade a seus personagens. Nesse sentido, uma das formas essenciais era batizar os personagens com nomes próprios. Por essa perspectiva, Watt escreve que, “os nomes próprios têm exatamente a mesma função na vida social: são a expressão verbal da identidade particular de cada indivíduo. Na literatura, contudo, foi o romance quem estabeleceu essa função.” (Watt, 2010, p. 19).

Outrossim, por mais que os autores buscassem enredos mais realistas, ainda existiam toques de ficção em suas obras. A ficção faz-se essencial para a construção do romance, pois a partir dela, torna-se possível a criação de ambientes e situações que contribuem para o desenvolvimento das obras e as tornam atrativas para o público leitor. Para Moretti, no texto *O romance: história e teoria*, “as aventuras criam romances porque os amplificam; são os grandes exploradores do mundo da ficção: campos de batalha, oceanos, castelos, caminhos subterrâneos, pradarias, ilhas, cortiços, selvas, galáxias [...]” (Moretti, 2009, p. 205). O autor ainda complementa: “aventuras expandem os romances ao abri-los para o mundo: há um pedido de ajuda — e o cavaleiro parte. [...] o desconhecido não é uma ameaça, é uma oportunidade [...]” (Moretti, 2009, p. 204-205).

À vista disso, chegamos à ideia de que esses romances buscavam narrar a formação dos personagens. Logo, muitos são os aspectos que nos fazem uma alusão ao que mais futuramente viria a ser características do *Bildungsroman*; as aventuras, a busca por um lugar na sociedade, a formação da identidade, as

emoções humanas, bem como os problemas encontrados – traços que nos lembram do conceito criado por Morgenstern, do qual falaremos mais adiante.

2.2 SURGIMENTO E PARTICULARIDADES DO *BILDUNGSROMAN*

Dado o contexto histórico do surgimento do romance moderno, entende-se que os romancistas iniciaram um maior foco nas narrativas dos personagens como indivíduos singulares de uma sociedade. Por mais que décadas tenham se passado, a essência dos romances modernos ainda é resguardada pelos romances contemporâneos. Ainda que construídos a partir de elementos da fantasia, da ficção científica, da distopia, ou até mesmo sendo releitura de clássicos, como é o caso do romance *The Song of Achilles* (2011), os enredos ainda buscam explorar as particularidades de seus personagens enquanto seres humanos, utilizando-se de suas emoções, identidades e características, classificando-os assim, como romances de formação. Portanto, considera-se plausível a utilização de um conceito que explore esses aspectos – como é o caso do *Bildungsroman* – para se fazer o seguinte estudo.

Nesse contexto, nascer, crescer, reproduzir e morrer é parte de um processo considerado por alguns como natural da vida, ao qual, teoricamente, crê-se ser o destino de todos os seres vivos; e que, instintivamente, muitas formas de vida seguem essa sina. Porém, a espécie humana vai além dessa ideia do “natural”; tomemos como exemplo as abelhas, esses insetos apresentam comportamentos que chamamos de ‘divisão do trabalho’, ‘hierarquia social’, ‘poder político’ etc. (Nova, 2016). Existe, assim, o que seria uma ideia de “sociedade”, que poderíamos dizer que se assemelha, teoricamente, à sociedade dos seres humanos. Todavia, diferente do homem, esses animais não são passíveis de um amadurecimento/evolução, pois uma abelha operária nascerá, viverá e morrerá como uma operária, da mesma forma que suas antecessoras e das que virão.

É necessário, então, pensarmos o que acarreta essa diferença, o que faz com que o ser humano tenha o seu processo de amadurecimento, que motivos levam esse indivíduo a se tornar diferente dos outros da sua espécie. Seria fácil dizer que, o que nos diferencia enquanto indivíduos de uma mesma espécie é a nossa identidade, o nosso modo de ser. Porém, julga-se necessário entendermos o que

forma essa tal identidade, em que ela está ligada, que fatores, sejam eles externos e/ou internos, contribuem para que um ser humano se torne quem ele é.

De fato, a identidade não é clara e simples como pensamos, não se trata de um aspecto imutável e completo, mas de algo em constante processo de produção, pois cada indivíduo está em um contexto de vida específico (Hall, 2006). Portanto, podemos entender que a identidade se forma a partir de um conjunto de estímulos ao qual o indivíduo estará submetido, desde crenças, costumes, cultura de um povo, como também a época e lugar onde vive determinada pessoa. Fatores como círculo social, violência e opressão também fazem parte dessa formação.

Por milênios, os seres humanos forjam suas identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Povos antigos já registravam seus costumes e crenças em paredes de cavernas ou grutas. Como exemplo, temos a identidade dos povos indígenas que perdura até os dias de hoje, mesmo com a tentativa de apagamento por conta do processo de colonização. As pessoas negras que transmitem e preservam as crenças e culturas trazidas pelos seus antepassados escravizados, que não deixaram suas identidades se apagar, passando adiante suas experiências, mesmo diante da violência e opressão também ilustra esse aspecto.

Em síntese, esse conjunto de fatores contribui para o senso de identidade coletiva, ao sentimento de pertencimento a algo, que, por sua vez, agregará no processo de construção das identidades individuais dos seres humanos. É viável dizer que, isso influenciará no que desfrutaremos e realizaremos durante nosso trajeto de vida, bem como possíveis desafios que podemos vir a enfrentar. Assim, a atuação desses aspectos em conjunto terá significativa influência durante nosso processo de formação e na nossa evolução/amadurecimento.

Nos estudos literários, a análise dos elementos que moldam a identidade de um personagem, ou a sua evolução e amadurecimento em um romance, nos ajuda a refletir sobre a condição humana e suas complexidades. É fato que muitas são as obras literárias que narram o crescimento – físico, mental, social e cultural – de seus personagens, evidenciando as etapas da vida que levarão a descobertas e/ou provações que consequentemente acarretarão a construção da identidade pessoal do personagem. Portanto, é aqui que se torna fundamental a utilização do conceito de *Bildungsroman*.

Cunhado pelo professor alemão Karl Morgenstern (1770 - 1852), o termo *Bildungsroman* (*bildung* significa “formação” e *roman*, “romance”) vai surgir no meio

acadêmico como uma forma de estudar obras da literatura alemã do século XVIII. Por mais que, primariamente, tenha-se utilizado do Romance de Formação² para o estudo de um seletº grupo de indivíduos – jovens homens brancos que faziam parte da burguesia alemã na segunda metade do século XVIII –, com o tempo houve o surgimento de ramificações em subgêneros, o que nos permite utilizarmos esse conceito de forma mais abrangente.

Simplificadamente, o *Bildungsroman* é um conceito que pode ser aplicado em obras nas quais observamos o amadurecimento dos personagens – podendo esse ser tanto físico, moral, psicológico, emocional etc. Para analisarmos uma obra a partir desse conceito, torna-se necessário considerarmos os estímulos exteriores com os quais o personagem entra em contato, desde pessoas, lugares, época, conflitos, cultura etc.

Como mencionado, o termo *bildung* refere-se à formação, remetendo assim à ideia de processo, essencial para compreendermos o conceito. De acordo com Maas (2000, p. 27), “processo, neste contexto, é a sucessão de etapas, teleologicamente encadeadas, que compõem o aperfeiçoamento do indivíduo em direção à harmonia e ao conhecimento de si e do mundo.” Em linha com o pensamento supracitado, para o professor Rogério Puga, no seu trabalho intitulado *O Bildungsroman (romance de formação): perspectivas*:

Em traços gerais, podemos definir o romance de formação [...] como uma narrativa ficcional que representa o percurso de formação de uma criança ou adolescente/jovem até à fase adulta da sua vida, bem como todos os obstáculos e provas que ultrapassa, sendo o processo formativo predominantemente informal, por relativa oposição à educação formal ou escolar. (Puga, 2016, p. 10).

Em seu surgimento, o *Bildungsroman* vai ter uma proximidade com o realismo, pois representará o momento histórico que a Alemanha está vivendo, no qual, a partir da educação e formação, o jovem alemão quer se desprender da cultura de mérito herdado, para migrar para o mérito pessoal, que será adquirido pelo seu próprio esforço (Maas, 2000). Em virtude disso, uma das obras mais associadas ao *Bildungsroman* em seu surgimento é a narrativa *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe³, em que o jovem e protagonista

² Tradução brasileira para o termo *Bildungsroman*.

³ Autor de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, Johann Wolfgang von Goethe foi um escritor, poeta e dramaturgo alemão (1748 - 1832).

Wilhelm Meister passa por esse momento de evolução e desenvolvimento em busca da sua identidade dentro do ambiente onde está inserido. A autora Maas cita Morgenstern ao exemplificar o entendimento do professor sobre o termo. Para o filósofo alemão, *Bildungsroman*, entende-se como romance que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade" (Morgenstern, 1988, p. 64, apud Maas, 2000, p. 46).

Logo, Morgenstern outorgará ao romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* o atributo de apresentar e representar tão bem o pensamento alemão da época, atribuindo-lhe "o aperfeiçoamento universal harmônico daquilo que é autenticamente humano e de ter aspirado ao 'mais belo ideal da formação da humanidade neo-européia e da época'" (Maas, 2000, p. 47).

Para Maas (2000, p. 23-24) "[...] há obras que são *Bildungsromane* em maior ou menor medida, dependendo de sua maior ou menor semelhança com *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*." Assim, a obra de Goethe, num primeiro momento, será posta como o padrão dentro da literatura alemã, a ser seguido por romancistas dentro e fora da Alemanha, sendo assim considerado até hoje como o cânone do *Bildungsroman*. Contudo, como será exemplificado mais à frente, esse padrão será desconstruído e ressignificado ao longo do tempo.

Como já mencionado no início dessa seção, o processo de desenvolvimento que o gênero do *Bildungsroman* engloba e estuda pode ser tanto físico, moral, psicológico e emocional. Logo, não devemos associá-lo somente ao processo de envelhecimento dos personagens, visto que, nem sempre, esse passar dos anos irá acontecer. Existe o que seria uma sequência de fatores e acontecimentos que acarretam a ascensão do indivíduo central, todavia, para estudarmos pelo prisma do Romance de Formação, é necessário observarmos além da idade. A ideia é captar e entender as razões que ocasionaram a composição dessa identidade. Para Puga:

[...] o facto de o ser humano se definir também através do contexto histórico, religioso, moral, geográfico e cultural em que se forma, bem como das relações familiares e de amizade que (re)constrói ao longo dos tempos determina as especificidades de cada narrativa com personagens em formação. (Puga, 2016, p. 18)

Partindo dessa ideia, se tomarmos como exemplos obras que narram o crescimento dos personagens como, Vaelin Al Sorna, da trilogia *Raven's Shadow* (2011), de Anthony Ryan; Bentinho, do clássico, *Dom Casmurro* (1899), de Machado

de Assis; e até mesmo o Pátroclo de *The Song of Achilles* (2011), veremos que todas as histórias têm aspectos semelhantes, que não necessariamente precisam estar presentes, porém, se mostram recorrentes nas narrações. Questões familiares, como sair de casa, estudar, passar por provações, lutar – literalmente ou figurativamente – se apaixonar, são situações que, de certo modo, farão com que o personagem tenha uma autodescoberta. Todavia, por mais semelhanças que possam ter, cada obra apresenta suas especificidades, e é necessário observá-las.

Em síntese, percebe-se uma significativa variedade de obras que podem ser encaixadas no Romance de Formação. Em vista disso, cabe escrever um pouco mais sobre essas diferenças, sejam elas de gênero, classe, cultura, sexualidade ou raça. Assim, a próxima subseção objetiva dar ênfase a esses quesitos.

2.3 SUBGÊNEROS ORIUNDOS DAS DIFERENÇAS SOCIAIS

Passados mais de 200 anos desde seu surgimento, a essência inicial do *Bildungsroman* já não é mais a mesma, uma vez que a sua ressignificação, em virtude da sua adoção por diferentes comunidades dentro do mundo literário, nos permite utilizá-lo em variadas situações, com obras diversas. Logo, o surgimento de subgêneros que irão se originar a partir do *Bildung* original terá caráter representativo para obras e personagens que não se encaixam na ideia primordial do *Bildungsroman*. Segundo Maas:

Quando Wilhelm, na carta a Werner, afirma que "só ao nobre é possível uma formação universal", enquanto ao burguês só restaria "o puro e plácido sentimento do limite que lhe está traçado", está se referindo ao conceito de formação adotado pelo estado absolutista, no qual cada indivíduo deveria ser formado segundo sua classe social. (Maas, 2000, p. 38).

Sendo assim, poderíamos supor que, em determinados cenários, as pessoas são forçadas por um sistema de opressão – seja ele econômico, cultural ou religioso – a seguir, ou até mesmo adotar uma identidade que não lhes cabe, assim vivendo em prol de ser aceito pela sociedade, e não lhes sendo permitido o processo de amadurecimento ou ascensão social.

Se olharmos para a sociedade em que estamos inseridos, veremos as nuances dessas diferenças na formação dos indivíduos. Olhemos primeiramente

pela ótica da época. Um indivíduo nascido no século XXI não terá os mesmos estímulos e experiências de um nascido no século XVI, por exemplo, ou qualquer outro momento anterior da história. A forma como a vida em sociedade está estruturada nessas distintas épocas é totalmente diferente, porém, ambos terão sua ideia de formação.

Sejamos mais específicos: se tomarmos como exemplo duas mulheres hipotéticas; a mulher 1 seria uma mulher pobre brasileira que viveu por volta do século XVIII, enquanto a mulher 2, também brasileira, vive na atualidade. A mulher setecentista não teve acesso aos mesmos direitos – esses arduamente conquistados – que a mulher do século XXI. A falta de direitos básicos da primeira, como acesso à educação, ao voto, e à escolha do que fazer com a própria vida, de certo modo, influenciou na formação da identidade desse indivíduo. Dessa maneira, se tomarmos como exemplo a obra *Verdadeiro método de estudar*, escrita pelo professor português Luís Verney em 1746 – mesma época da primeira mulher – veremos que tem uma parte dedicada às mulheres, na qual escreve:

Quanto à necefidade, eu acho-a grande, que as molheres eftudem. Elas, principalmente as maens de familia, fam as nofas meftras, nos-primeiros anos da-nofa vida: elas nos-enfinam a lingua; elas nos-dam, as primeiras ideias das-coizas. E que coiza boa nos-ám-de enfinar, fe elas nam fabem o que dizem? [...] Certo é, que uma molher de juizo exercitado, faberá adofar o animo agrefta, de um marido afpero, e ignorante: ou saberá entreter melhor, a difpozifam de animo, de um marido eruditio; [...] (Verney, 1746, p. 291-292).⁴

Por mais que num primeiro momento essa passagem possa parecer inovadora e até desconstruída para a época, ano de 1700, ela ainda assim condiciona a mulher a um papel de submissão, pois a educação só lhe será útil em prol do bem-estar dos filhos e marido. Logo, a educação para essa mulher não terá um papel emancipatório, que contribuirá para sua formação e evolução. Sobre isso, Maria José Moutinho, em seu trabalho, *Perspectivas Sobre a Situação da Mulher no Século XVIII* (1981), escreve: “a mulher não é, assim, olhada na sua individualidade, não tem direitos próprios neste campo e a sua educação não tem em vista as suas próprias aspirações, mas funciona como um agente ao serviço da sociedade.” (Santos, 1981, p. 37). Esse abuso coloca em xeque o processo de emancipação

⁴ Texto original, retirado da obra *Verdadeiro método de estudar*, de 1746, de Luís António Verney, filósofo, teólogo, padre, professor e escritor português.

desses indivíduos, uma vez que a educação é um dos pilares para o processo de desenvolvimento desses indivíduos.

Cabe ainda a adição de outros fatores, tais como classe social, raça etc. Dois indivíduos do mesmo gênero, que moram na mesma época e lugar, de classes sociais iguais, teriam em teoria direitos iguais, todavia, pensemos que: um é branco, enquanto o outro é negro. Os direitos continuam iguais, como acesso à educação, leis etc., contudo, os estímulos exteriores, aos quais esses dois estarão expostos, serão totalmente diferentes. O ciclo social, o preconceito, a violência, as oportunidades, entre outros, farão com que esses indivíduos tenham cada um a sua própria jornada de amadurecimento, construindo, assim, sua própria identidade por reflexo de suas vivências.

A discrepância no processo de formação desses indivíduos seria maior ainda se colocássemos diferenças de classes sociais, gênero ou sexualidade – essa última sendo o caso da obra literária analisada, na qual o personagem principal, Pátroclo, é um jovem queer. Minorias como negros, mulheres e pessoas LGBTQ+, infelizmente, ainda são marginalizadas pela sociedade. Segundo Foucault (1988), no final do século XVIII, as práticas sexuais eram regidas por três grandes códigos explícitos, sendo eles o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Dessa forma, aquelas práticas fixavam à sua maneira uma linha divisória entre o que seria considerado lícito e ilícito. Logo, podemos jogar por terra o discurso meritocrático de que todos têm as mesmas oportunidades, tendo em vista que, muitos indivíduos são limitados por uma classe dominante a viver somente em um determinado espaço, sem o direito de uma instrução que os traga conhecimento que gere um desejo de mudança.

Em suma, essas ideias e exemplos nos ajudam a entender como diferentes aspectos e situações influenciam na construção da identidade dos indivíduos de uma sociedade, bem como, podemos notar esses elementos retratados na literatura. Dito isso, esse apanhado de ideias e perspectivas nos ajudará a entender e analisar com mais precisão os objetivos propostos dessa pesquisa. A seguir, o próximo capítulo se propõe a explanar a formação da identidade pelo viés da sexualidade, tornando possível, por fim, fazer a análise do personagem Pátroclo do romance de Miller através das perspectivas do romance de formação.

3 ASPECTOS DA SEXUALIDADE PELO VIÉS DO DISCURSO QUEER

Este capítulo discorre acerca do conceito de identidade a partir de Stuart Hall (2006) no que concerne a como o sujeito é atravessado por diferentes modos de ser na contemporaneidade. Além disso, o capítulo formula algumas reflexões sobre a teoria Queer e suas ramificações com base nos escritos de Louro (2004), Foucault (1988) e Butler (2018). Dessa forma, espera-se que a discussão teórica aqui proposta possa fornecer caminhos de análise para o romance *The Song of Achilles*, de Madeline Miller. Por fim, na última seção, há uma breve introdução acerca do homoerotismo no contexto da Grécia antiga e como a homossexualidade era encarada na sociedade da época.

3.1 A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE: HOMOSSEXUALIDADE

De início, com relação à identidade, Hall nos apresenta o conceito sob três diferentes concepções: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro destaca o indivíduo como o “centro”, trata-se de um sujeito centrado, unificado e dotado de razão, de consciência e ação. Quanto ao sujeito sociológico, vemos que a identidade coexiste entre o mundo pessoal e o público, preenchendo assim o espaço entre o “interior” e o “exterior” (Hall, 2006, p. 10-11). Já o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, biologicamente. Nessa concepção de identidade, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (Hall, 2006, p. 13). Levando em consideração essas definições de identidade, entendemos que a que melhor se aplicará à pesquisa é a pós-moderna.

No romance objeto de análise, em um primeiro momento, o personagem principal não entende ou não reconhece sua própria identidade, assumindo – seja por medo, por falta de maturidade ou imposição exterior – uma identidade social que não lhe cabe, não lhe pertence quanto indivíduo, o que resulta em um conflito interno. Butler (2018) explica que, o homem homossexual, como uma forma de “defesa”, busca esconder aspectos naturalmente associados a uma feminilidade ostensiva, incorporando, portanto, uma masculinidade compulsória.

Ainda nessa perspectiva, sobre a identidade pós-moderna, Hall explica que:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (Hall, 2006, p. 13).

Nesse contexto, desde o nascimento, os indivíduos são condicionados e bombardeados com uma série de estímulos que formam a sua identidade; frequentemente, pessoas que não se enquadram dentro do padrão já pré-estabelecido na sociedade camuflam sua identidade, e formam a ideia de identidade que eles julgam ser o que a sociedade busca, assim, aceitando-o dentro dos ciclos sociais. Quando Hall (2006) comenta sobre identidades contraditórias, podemos, por exemplo, pensar nas pessoas transgêneras ou não binárias. Essas pessoas são, desde novas, enquadradas dentro de uma identidade de gênero – homem, mulher – que não lhes pertence, causando assim conflitos internos.

A ideia de existir um padrão social fomentado, seja por religião, conservadorismo ou qualquer outra razão, coloca em xeque a pluralidade de indivíduos que não fazem parte desse modelo de sujeito “ideal”. Dessa forma, os sujeitos são forçados a assumir uma identidade que não lhes pertence, vivendo anos com suas identidades reclusas, seja por medo de sofrerem preconceitos, seja por não conseguirem identificar, até aquele momento, suas localizações identitárias por sempre terem sido condicionados daquela maneira.

Logo, esse padrão existente, mantido e glorificado por aqueles que estão em um maior patamar de poder e se sentem confortáveis em exercer essas distinções, seja por causa de gênero, raça, cultura, sexualidade, religião etc., marginaliza e torna reféns sujeitos que, por quaisquer motivos, estejam fora dessa matriz. Todavia, com o passar dos anos, a busca pela afirmação da identidade, como pelo respeito à mesma, tem se tornado um movimento forte e bem estruturado entre as pessoas divergentes. Novas identidades estão surgindo, fazendo com que aquelas antigas identidades que há muito vêm exercendo uma hegemonia na sociedade sejam questionadas, assim, causando a fragmentação do indivíduo moderno. No século passado, para Hall,

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e

nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (Hall, 2006, p. 09).

O que o autor entende por “crise de identidade” é justamente esse processo de mudança das identidades, que antes estavam bem fixadas no íntimo social. Os indivíduos da sociedade estão cada vez mais focados em buscar e entender sua identidade, para que assim ela possa ser exercida. Como exemplo, os movimentos negros, onde os integrantes buscam direitos quanto às suas identidades como pessoas negras, mostram a importância dessas lutas ao ajudar outras pessoas e jovens a se identificarem e reconhecerem suas ancestralidades. Movimentos feministas, LGBTQ+, culturais etc. estão todos em prol de um objetivo: exercer as suas identidades e buscar respeito frente aos preconceitos fomentados pela sociedade.

À vista dessa ideia, Hall nos apresenta o que seria a “política de identidade”, nascida a partir da ideia de que os movimentos regidos em busca de uma identidade social tinham seus grupos de apoiadores. Como, por exemplo, movimentos raciais ligados aos negros, feministas às mulheres e políticas de orientação sexual e de gênero aos integrantes do grupo LGBTQ+. (Hall, 2006). Destarte, tendo em vista a análise da identidade de um personagem que faz parte da comunidade LGBTQ+ no romance *The Song of Achilles*, torna-se essencial analisarmos e entendermos os estudos acerca do discurso Queer, para assim, compreendermos melhor a história sobre a sexualidade, com foco na homossexualidade.

No início de seu livro *História da Sexualidade 1: Vontade de Saber*, Michel Foucault (1988, p. 9) escreve o seguinte: “O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.” Mesmo que, essa passagem seja uma alusão a um casal vitoriano, ela mantém-se bem atual. Por mais que nesse trecho o autor fale sobre o sexo em geral, podemos já observar o início de um padrão, onde o casal procriador – homem e mulher – nas palavras do autor, ditam as normas e as verdades que serão estabelecidas dali em diante. Resta aos demais sujeitos somente resguardarem-se ou ganharem o título de “indecentes”, caso ousem divergir desta norma; como completa o autor, “O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio.” (Foucault, 1988, p. 10).

Podemos fazer uso das palavras de Foucault para incluirmos entre esses grupos excluídos – entre outras pessoas – os homossexuais. Não é difícil acharmos discursos que segregam, ameaçam ou violentam pessoas que estão fora do padrão estabelecido em determinada época ou lugar. Norman Fairclough, em sua obra *Discurso e Mudança Social* (2001), nos ensina sobre a matriz social de um discurso. Para o autor, os discursos são compostos de matrizes, que são constituídas de questões ou relações hegemônicas ou de estruturas sociais (Fairclough, 2001). Dado isso, independente do discurso, seja ele considerado bom ou ruim, terá uma matriz que o rege.

À vista disso, podemos pressupor que as matrizes que geram os discursos contra pessoas LGBTQ+ são tanto políticas como religiosas. Um exemplo claro desta afirmação seria o *Lavender Scare*, ocorrido nos EUA, entre os anos de 1940 e 1960. No período de guerra fria, quando se observava o crescente aumento de comunidades de pessoas *queers* ou simpatizantes da causa, juntando-se à zona urbana, o congresso norte-americano viu uma oportunidade de eliminar dois inimigos – na visão deles – de uma vez só: comunistas e gays (Adkins, 2016)⁵. Como escreve Judith Adkins:

O "Caso 14", segundo McCarthy⁶, era um homossexual conhecido que havia sido demitido pelo *State Department*, mas depois recontratado. Em sua discussão sobre esse homem e o "Caso 62", McCarthy vinculou diretamente a homossexualidade ao comunismo. Um alto funcionário da inteligência teria lhe dito que "praticamente todo comunista ativo é mental ou fisicamente perturbado de alguma forma". McCarthy insinuou que os homens nesses dois casos eram suscetíveis ao recrutamento comunista porque, como homossexuais, apresentavam o que ele chamou de "transtornos mentais peculiares". (Adkins, 2016).⁷

Causando uma espécie de pânico social, McCarthy faz uma clara ligação entre comunistas e gays, além de uma associação entre homossexualidade e

⁵ Judith Adkins é arquivista no Centro de Arquivos Legislativos do Arquivo Nacional em Washington, DC.

⁶ Joseph Raymond McCarthy (1908- 1957) foi senador do estado de Wisconsin entre 1947 e 1957.

⁷ Do original: Case 14" was, according to McCarthy, a known homosexual who had been ousted by the State Department but then rehired. In his discussion of that man and of "Case 62," McCarthy directly linked homosexuality and Communism. A top intelligence official had reportedly told him that "practically every active Communist is twisted mentally or physically in some way." McCarthy implied that the men in these two cases were susceptible to Communist recruitment because as homosexuals they had what he called "peculiar mental twists."

transtornos mentais, numa tentativa de justificar os milhares de funcionários que foram demitidos ou obrigados a se demitirem do serviço federal, com alegações de que eles poderiam ser um risco para a segurança. O governo iniciou assim uma caça aos gays, instaurando programas de combate à homossexualidade, com o intuito de intimidar ou prender qualquer um que expressasse desejos homossexuais, dessa forma, com a grande ajuda da mídia, causando uma espécie de pânico social.

Outrossim, o fundamentalismo religioso de grupos conservadores fomenta o preconceito contra os integrantes da comunidade LGBTQ+, utilizando-se de suas crenças em uma tentativa de descredibilizar, culpabilizar ou violentar essas pessoas. No contexto da igreja em regrar o sexo, por exemplo, Foucault (1988) nos traz a ideia da confissão. As confissões, segundo o autor, desde a Idade Média, eram tratadas como uma das principais formas de produzir a verdade. Logo, o Estado seria capaz de regular a prática do sexo, e condenar quaisquer desvios considerados como imorais. Dessa forma, a confissão se tornaria essencial para manter a ordem dos poderes civis e religiosos.

Outro período no qual houve uma crescente caça aos homossexuais foi quando se deu o surgimento do vírus HIV, causador da Aids. Trata-se de um momento conturbado da história para grupos e comunidade LGBTQ+, uma vez que, seguindo o aumento e proliferação da doença, espalhou-se também a desinformação e a ignorância da população, acarretada pelos meios de comunicação como revistas e jornais, que de formas irresponsáveis e sem quaisquer fundamentações atribuíam a culpa da epidemia aos grupos LGBTQ+.

Figura 1.⁸

⁸ Manchete sobre o Vírus HIV, publicada pelo jornal Notícias Populares em 12 de junho de 1983. Fonte: Revista Z Cultural, 2017.



(Melo; Penna, 2017)

Na imagem acima, retirada do jornal Notícias Populares de 1983, fala-se sobre o vírus HIV. Tanto essa como outros tipos de manchetes sensacionalistas – que tornaram-se bem comuns durante os anos que se seguiram – chamavam a doença de “peste/vírus gay”, “câncer gay” ou até mesmo dizendo que a epidemia seria um “castigo divino”. Tais discursos contribuíram para a disseminação do terror que afligiu a população, que, envolta em desinformações e preconceitos, iniciou um apedrejamento contra os homossexuais. Atribuído a isso, existia o fato de que ser diagnosticado com Aids era quase como uma sentença de morte, visto o escasso tratamento médico por via da pouca informação que se tinha sobre o vírus.

É no contexto desses discursos nos campos da psiquiatria ou da jurisprudência com fins de controle social que classificavam estes sujeitos de espécies e subespécies da homossexualidade que Foucault (1988) observa certa “reação”. Segundo o autor, isto “[...] possibilitou a constituição de um discurso ‘de reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’ [...]” (Foucault, 1988, p. 96). Em concordância com o discurso de “reação” do qual fala o autor, é que, em meados dos anos de 1980 e 1990, surge o discurso *Queer*. Em seu livro *Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer*, Louro escreve que:

Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as

normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecidível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (Louro, 2004, p. 07-08).

Podendo ser traduzida para o português como “estranho”, “bizarro” ou “esquisito”, a palavra *queer* foi usada de forma pejorativa contra pessoas pertencentes à comunidade LGBTQ+, todavia, o termo foi adotado para o uso por ativistas e integrantes da comunidade como um sinal de resistência e protesto. Dessa forma, enquanto existir um sistema que dite as regras que as pessoas devem seguir, existirão as transgressões contra esse sistema. O simples ato de se declarar uma pessoa LGBTQ+, assumindo sua identidade, já é uma forma de quebra dos padrões.

Com essa ideia, Louro constrói uma metáfora com a ideia de viagem ao dizer que, o processo de descobrimento de pessoas homossexuais é como um processo de deslocamento/viagem. Para a autora, “mesmo que existam regras, que se tracem planos e que sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos.” (Louro, 2004, p. 16). Ademais, Louro complementa esta perspectiva ao afirmar que o fato de existir um padrão heteronormativo, que dita os padrões a serem seguidos, é justamente o que fomenta, mesmo que sem a intenção, as transgressões.

Levando em conta que o principal objeto da pesquisa seja um homem que vive um romance homoafetivo, será o discurso da homossexualidade que tentaremos abordar a partir da teoria *Queer*. Em seu livro *Problemas de Gênero*, Judith Butler entende a identidade homossexual como estando em conflito com a identidade heterossexual. Nesse sentido, a heterossexualidade compulsória teria o objetivo de restringir identidades que se enquadram como homossexuais, bem como tentar se afastar de características consideradas como femininas. (Butler, 2018). Logo, mascarar a homossexualidade com uma heterossexualidade não verdadeira mostra-se uma forma de defesa. O que nos é possível observar no personagem estudado.

3.2 O CONTEXTO DO HOMOEROTISMO GREGO ANTIGO

À vista do contexto histórico em que se passa a trama de *The Song of Achilles*, é crucial contextualizar a ideia da sociedade da época frente à homossexualidade. Diferente da leiga ideia estereotipada que reverbera no senso social, a Grécia Antiga não era tão simpatizante com os homossexuais como se imagina. É inexata a concepção de que as terras gregas eram um tipo de paraíso homossexual, com “orgias” e “sodomias” a todo momento; visão essa que é transmitida a partir do equivocado olhar judaico-cristão, e pelo intermédio dos antigos romanos (Corino, 2006).

Muitas são as representações dos hábitos sexuais dos gregos existentes em pinturas, em taças ou vasos (*kýlikes*). No caso das pinturas que retratam orgias, em sua maioria, são representadas exclusivamente com relações entre sátiros. De acordo com Vrissimtzis, em sua obra *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*, isso se dá pois, “[...] provavelmente significa que se acreditava que tal tipo de comportamento não era apropriado aos seres humanos.” (Vrissimtzis, 2002, p. 73). Representações de orgia com pessoas só começaram a aparecer em VI a. C.. Ademais, outros tipos de relações, em grande parte, são representações heterossexuais, onde o homem é sempre representado na posição de superioridade, com a mulher em submissão.

Raras são as representações com dois homens, porém muitas são representações masculinas, principalmente homens nus, realçando os músculos e os atributos considerados como viris, sem quaisquer imperfeições. Quase sempre essas representações apresentam o falo, fato esse que deve-se à “absoluta supremacia do homem numa sociedade patriarcal” (Vrissimtzis, 2002, p. 72). Butler escreve sobre a questão de “ser” ou “ter” o falo, ao exemplificar questões de poder, onde há subjugação de quem “tem” sobre quem “é” o falo. Nas palavras da autora,

“Ser” o Falo e “ter” o Falo denotam posições sexuais divergentes, ou não posições (na verdade, posições impossíveis), no interior da linguagem. “Ser” o Falo é ser o “significante” do desejo do Outro e apresentar-se como esse significante. Em outras palavras, é ser o objeto, o Outro de um desejo masculino (heterossexualizado), mas também é representar ou refletir esse desejo. (Butler, 2018, p. 85).

A sociedade grega antiga, portanto, possuía uma estrutura patriarcal. Nesse contexto, a mulher era em todos os aspectos inferior, sendo somente os homens

dignos da educação, das artes, da filosofia, do atletismo, do prazer, bem como de ocupar cargos políticos. Para as mulheres sobrava somente a procriação. Todas essas restrições à mulher nos levam, então, ao homoerotismo. Pois, se a mulher, privada e indigna de tudo, não dispunha de beleza nem de admiração, os gregos, amantes da beleza, recorriam ao ideal de beleza masculino. Como exemplifica Vrissimtzis,

Sempre encerradas em casa, as esposas mantiveram uma simplicidade de caráter e uma estreiteza mental, além de não cultivar o corpo por meio de exercícios e atividades físicas. Assim, os gregos, que sempre haviam sido amantes da beleza, não tiveram outra escolha senão se voltarem à beleza e à harmonia dos bem-treinados corpos masculinos. Esse é o motivo pelo qual eram esculpidas, na Antigüidade, principalmente estátuas de nus masculinos. (Vrissimtzis, 2002, p. 102).

É nesse contexto, que, por volta do século VI a. C. surge a pederastia, relação homoerótica entre dois homens. Vrissimtzis (2002) ressalta que a pederastia tinha caráter pedagógico ao invés de homossexual, e, portanto, não era vista como uma pedofilia. O jovem grego precisava de instrução para além do atletismo, ele precisava de ensinamentos da vida social, de ética, dos perigos existentes, bem como dos bons modos. A mãe, isenta de educação e instrução, não tinha, aptidão para educar os filhos; o pai, muito ocupado com o trabalho, não tinha tempo. Por fim, a função ficava por conta de um professor/tutor (Vrissimtzis, 2002).

A pederastia era formada exclusivamente por um homem adulto (*erastés*), que era o professor, e um jovem (*erómenos*), seu pupilo; o último tendo que ter entre 12 e 18 anos. Para o início de contato, o adulto – após escolher um rapaz – deveria cativá-lo, com presentes – quase sempre pedagógicos – e símbolos. O jovem, por sua vez, não era obrigado a aceitar a escolha do *erastés*, todavia, caso aceitasse, iniciava-se assim a relação e ensinamentos. A pederastia tinha como ideal, o sentido de um benefício recíproco, em que havia a transmissão dos dois lados, no qual o adulto transmitia seus conhecimentos ao jovem, tornando-o um cidadão competente, enquanto desfrutava da jovialidade, beleza e força do pupilo (Vrissimtzis, 2002).

Conforme Vrissimtzis (2002, p. 107), “[...] a pederastia baseava-se numa ligação espiritual e psíquica, enquanto a atração física permanecia subordinada e subjacente e compreendia apenas algumas discretas manifestações de paixão por parte do *erastés*. Existem, por mais raras que sejam, pinturas que representam as

relações de intimidade entre *erastés* e *erómenos*, contudo, o prazer é somente do adulto; exclusivamente através da masturbação ou em posição intrafemural. O rapaz, por sua vez, deveria manter a passividade – não submissão –, não demonstrando prazer. Não era permitido, portanto, qualquer relação ligada às práticas de “sodomia”, uma vez que, para isso, o rapaz teria que assumir um papel feminino. Do mesmo modo, qualquer relação que ultrapassasse o limite dos 18 anos era inconcebível, uma vez que isso configuraria relação homoafetiva.

Destarte, no capítulo de análise, para se chegar então ao resultado esperado, será feita uma ligação entre os conceitos do *Bildungsroman*, de identidade e reflexões a partir da teoria Queer. O foco da análise é dado ao estudo do amadurecimento/crescimento do personagem, considerando que o romance traduz as transformações do protagonista com o passar do tempo, com seus descobrimentos e construção da própria identidade. Logo, Pátroclo se localiza a partir da identidade gay, sendo inserido como um personagem LGBTQ+, que, por conseguinte, é objeto de estudo da teoria Queer. Dessa forma, estes pontos de reflexão se interligam para compor a análise do romance de Miller.

4 “A DIVINDADE, O MORTAL E O MENINO QUE ERA AS DUAS COISAS”: A IDENTIDADE DE GÊNERO EM *THE SONG OF ACHILLES*

The Song of Achilles (2011) é um romance ficcional escrito pela autora norte-americana Madeline Miller. Passando-se na Grécia Antiga, a obra é uma releitura da famosa narrativa grega *Ilíada* de Homero (928 a.C. - 898 a.C.). A história usufrui de vários elementos presentes na literatura clássica: profecias, guerreiros, reis, guerras, divindades e deuses compõem os elementos da narrativa, sendo eles os estímulos que resultarão no desenrolar da narrativa. Além da presença desses elementos da cultura clássica grega, a narrativa não se resume a esses aspectos, uma vez que acompanha a vida de um jovem comum e que se assemelha à imagem do homem real.

Assim sendo, a narrativa de Miller é construída de modo que possamos acompanhar a vida dos personagens desde sua infância até o desfecho final. Por consequência, no decorrer da leitura, vemos o crescimento do personagem principal e evidenciamos momentos de provações, como também momentos de felicidade ou aprendizado. Sendo estes fatores que acarretam a construção da identidade do protagonista. Logo, a narrativa autodiegética nos permite termos um maior acesso aos pensamentos e vontades do personagem principal Pátrroclo.

No romance de Miller, acompanhamos a vida de dois jovens. Pátrroclo, um jovem comum e príncipe; e Aquiles, também príncipe, mas que carrega o título de semideus, e destinado, através de profecias, a ser o maior herói de sua época. Contrastando com o mito original em que ambos são representados como grandes amigos, ou até mesmo primos, sem qualquer indicativo de uma relação amorosa – por mais que haja ideias controversas de que eram amantes – o romance de Miller deixa isso em evidência, aqui não há mal-entendidos, ou ideias a questionar, os dois de fato são um casal homoafetivo.

Nesse contexto, a análise da obra *The Song of Achilles*, presente neste capítulo, se dará por alguns pontos, que não necessariamente seguirão a ordem em que serão descritos. O primeiro, a partir da observação de momentos, durante a vida de Pátrroclo que contribuíram para o seu amadurecimento, sejam eles bons ou ruins, felizes ou tristes; segundo, a partir da narração autodiegética, entender seus sentimentos, medos e anseios, bem como sua evolução mental; e, por fim, entender

a relação amorosa entre Pátroclo e Aquiles, e como ela é abordada, tanto por ambos como pelos demais personagens.

Logo, torna-se necessário considerarmos também o contexto social em que ambos estão inseridos. Pátroclo vive no século XIII a.C., em um meio social que não tem uma boa visão acerca da relação homoafetiva, com o adicional de que o ambiente em que se encontram é um cenário de guerra, no qual Aquiles é um líder semideus e guerreiro, possuindo assim um *status* social onde é bem-visto e querido por todos. Em virtude desses aspectos, o casal vive um relacionamento escondido.

No começo da trama, Pátroclo, ainda criança, nos é apresentado como um garoto gentil, sincero e bom, porém, introvertido, inseguro e tímido. Pátroclo tem grandes problemas de autoestima e segurança de si mesmo, os quais podemos atribuir à péssima relação que ele tem com seus pais. Seu pai, rei e filho de reis, é descrito por Pátroclo como um homem rude, de cara fechada e que raramente demonstra qualquer tipo de afeto. A mãe, por sua vez, em todos os momentos, nos é apresentada como uma mulher que não detém uma boa saúde mental, sendo sempre caracterizada como uma mulher aérea que não sabe o que diz ou faz. Em um certo momento Pátroclo comenta:

Logo me tornei uma deceção: pequeno, frouxo. Não era esperto. Não era forte. Não sabia cantar. O melhor que se poderia dizer de mim era que tinha saúde. Os resfriados e as cólicas que afligiam as outras crianças não me molestavam. Isso só deixou meu pai ainda mais desconfiado. Seria eu um mutante, uma criatura não humana? Ele me olhava com ar zangado. Minha mão tremia, sentindo seu olhar. E mamãe ficava lá, babando vinho sobre si mesma (Miller, 2013, p. 11).⁹

Para a mente do personagem – sendo ainda uma mera criança – o desprezo por parte do pai se dá pelo fato de ele não demonstrar quaisquer habilidades, sejam elas cênicas ou habilidades de guerra – visto que, na época e no contexto social em que eles vivem, isso acaba por tornar-se um fator essencial para os homens. No caso dos personagens masculinos do romance, por se tratar de uma história em intertexto com a epopeia de Homero, o “natural” na história seria demonstrar masculinidade, força, virilidade; como Pátroclo não detém tais aparelhos, o jovem não

⁹ Quickly, I became a disappointment: small, slight. I was not fast. I was not strong. I could not sing. The best that could be said of me was that I was not sickly. The colds and cramps that seized my peers left me untouched. This only made my father suspicious. Was I a changeling, inhuman? He scowled at me, watching. My hand shook, feeling his gaze. And there was my mother, dribbling wine on herself (Miller, 2012, p. 01-02).

se encaixa em padrões estéticos, físicos e heteronormativos, o que o faz sofrer pelo desdém de seu pai.

Em continuidade, um exemplo evidente da frieza de seu pai, é quando Pátroclo, ainda criança, durante uma espécie de campeonato – onde vê Aquiles pela primeira vez – escuta a seguinte frase: “É assim que um filho deve ser.’ Sinto as mãos vazias sem a coroa. Vejo o rei Peleu beijar seu filho, que atira a coroa para o alto e apanha-a novamente.” (Miller, 2013, p. 13).¹⁰ Consequentemente, esses acabam sendo um dos primeiros estímulos negativos que farão parte da futura formação do personagem. Essa rejeição reforça os traumas e problemas com autoestima que Pátroclo levará para a adolescência e vida adulta.

Mais adiante na história, após se envolver em um acidente no qual acaba matando inesperadamente um garoto nobre, Pátroclo é exilado pelo próprio pai. Dado esse evento, o jovem é acolhido pela corte do reino de Peleu, pai de Aquiles. A partir desse ponto, o protagonista inicia sua jornada de amizade com o jovem semideus, provindo do momento em que o herói escolhe o ex-príncipe como seu escudeiro, e ambos fazem um juramento. É nesse momento que Pátroclo dá indícios de seus primeiros sentimentos por Aquiles, todavia, em virtude da pouca idade e maturidade, ele próprio não entende muito bem.

Explanados durante os estudos do conceito de *Bildungsroman*, entende-se que os estímulos exteriores são fortes influenciadores durante a formação do indivíduo. No caso do protagonista, um desses fatores geradores de seu desenvolvimento se dará pela sua relação com Aquiles:

Aqueles segundos — aquelas frações de segundo — em que nossos olhares se encontravam eram os únicos momentos, no dia, em que eu sentia alguma coisa. Uma reviravolta súbita no estômago, um rápido acesso de ira. Eu era como um peixe hipnotizado pelo anzol. (Miller, 2013, p. 24).¹¹

De acordo com o trecho narrado, percebe-se que Pátroclo nutre sentimentos por Aquiles, todavia, para além disso, ele tem um amigo, fator esse que nunca lhe ocorreu. Pátroclo se sente respeitado. Pela primeira vez alguém gosta dele pela

¹⁰ “That is what a son should be.” My hands feel empty without the garland. I watch King Peleus embrace his son. I see the boy toss the garland in the air and catch it again. He is laughing, and his face is bright with victory. Miller, 2012, p. 03).

¹¹ Those seconds, half seconds, that the line of our gaze connected, were the only moment in my day that I felt anything at all. The sudden swoop of my stomach, the coursing anger. I was like a fish eyeing the hook (Miller, 2012, p. 27).

forma que ele é, existe alguém com quem ele possa contar quando precisar, alguém para brincar e conversar. Essa relação entre os dois preenche lacunas no emocional do personagem, causadas principalmente pelos problemas parentais. Destarte, a amizade de Aquiles serve como o pontapé inicial para o amadurecimento emocional do personagem. Já não havia mais seu desdenhoso pai lhe causando medo, ou mesmo a tristeza pela ausência de sua mãe. Ele está enfim feliz, e deixa isso claro. Uma evidência disso se dá no seguinte momento, enquanto está ao lado de Aquiles, o personagem afirma:

E enquanto nadávamos, brincávamos ou conversávamos, um sentimento nos invadia. Pelo modo como me inflava o peito, parecia medo. Vinha como lágrimas, docemente. Porém não era nada disso, mas, sim, algo leve que devia ser pesado, algo vivaz que devia ser lânguido. Eu conhecera o contentamento antes, breves lapsos de tempo em que perseguia prazeres somente meus: atirando seixos à água, brincando com os dados ou sonhando. Contudo, na verdade, aquilo era menos uma presença que uma ausência, uma suspensão passageira do medo; nem meu pai nem os meninos estavam por perto. Não me sentia faminto, cansado ou doente. (Miller, 2013, p. 43).¹²

Outrossim, Pátroclo continua: "Minha língua fugia a qualquer tentativa de controle [...]. Tagarelava sobre tudo. Não precisava me controlar para não falar demais. Já não me envergonhava de ser muito magro ou muito lento." (Miller, 2013, p. 43-44).¹³ Em evidência, livre das amarras de seu pai, vemos que Pátroclo começa a ter pequenos indícios de um possível aumento de autoestima, pois já não tem alguém julgando-o a todo momento; ao lado de Aquiles, não tem mais vergonha de seu corpo. Ademais, o personagem já não é mais extremamente tímido e consegue agir com tranquilidade e liberdade ao se expressar.

Chegando à adolescência, os jovens da corte do palácio já começam a deixar-se levar pelos desejos trazidos pela puberdade. Pátroclo descreve outros garotos apossando-se de servas. Porém, ele – e, como é perceptível, Aquiles também – não detém tal desejo pelas damas. Nesse momento da trama, a paixão de

¹² And as we swam, or played, or talked, a feeling would come. It was almost like fear, in the way it filled me, rising in my chest. It was almost like tears, in how swiftly it came. But it was neither of those, buoyant where they were heavy, bright where they were dull. I had known contentment before, brief snatches of time in which I pursued solitary pleasure: skipping stones or dicing or dreaming. But in truth, it had been less a presence than an absence, a laying aside of dread: my father was not near, nor boys. I was not hungry, or tired, or sick (Miller, 2012, p. 48).

¹³ My tongue ran away from me [...]. This and this and this, I said to him. I did not have to fear that I spoke too much. I did not have to worry that I was too slender or too slow (Miller, 2012, p. 49).

Pátroclo por Aquiles começa a aflorar mais intensamente. Todavia, o jovem herói não demonstra que tais sentimentos sejam recíprocos, causando um misto de medo e insegurança no protagonista.

Como estudado, o relacionamento homoafetivo, entre homens/jovens da mesma idade não era visto como algo normal ou aceitável dentro da sociedade grega arcaica. Um homem que se deita com outro homem não é digno de respeito ou altos cargos na sociedade, pois ao fazê-lo estará assumindo a posição da mulher, para eles considerada inferior. Porém, por mais que houvesse o medo da rejeição, o medo da resposta e reação dos familiares – lembrando que Pátroclo ainda era adolescente – aquele sentimento somente é nutrido pela mente do jovem, até que em dado momento, em um frenético instinto de coragem, Pátroclo beija Aquiles.

Esse momento desencadeia uma série de outros eventos que consequentemente serão cruciais para o desenrolar da história e para o desenvolvimento dos personagens. Primeiramente, a reação do príncipe Aquiles: em uma demonstração de espanto, o jovem sai correndo após o episódio; nas palavras do protagonista, “Aquiles se põe de pé e recua. Seu rosto impassível, impenetrável e distante congela as explicações em minha boca. Vira-se e sai correndo pela praia, o garoto mais rápido do mundo, e desaparece.” (Miller, 2013, p. 57).¹⁴ Esse momento dá a Pátroclo a ideia de rejeição, assumindo a culpa por possivelmente ter “estragado” a amizade. Em consequência, a partir desta cena, o protagonista tenta camuflar os sentimentos por Aquiles. Mais à frente, ainda no mesmo momento pós-beijo, Pátroclo se depara com a mãe de Aquiles, Tétis.¹⁵ Como narra o protagonista,

QUANDO DEI A VOLTA PARA ENTRAR no jardim, lá estava ela, reta e brilhante como uma lâmina. O vestido azul e úmido colava-se a seu corpo. Os olhos escuros cravaram-se nos meus e os dedos frios, sobrenaturalmente alvos, me agarraram. Meus pés se entrechocaram no ar quando ela me ergueu do chão. (Miller, 2013, p. 57).¹⁶

¹⁴ He stands and steps backwards. His face has closed over, impenetrable and distant, freezing the explanations in my mouth. He turns and races, the fastest boy in the world, up the beach and away (Miller, 2012, p. 64).

¹⁵ Ninfas marinhas que assume múltiplas formas e mãe de Aquiles. “[...] Em versões pós-homéricas da história, Tétis experimenta várias maneiras de tornar Aquiles imortal, inclusive mergulhando-o, seguro pelo calcanhar, no rio Estige e banhando-o nas chamas de uma fogueira para queimar sua mortalidade.” (Miller, 2013, p. 324-325).

¹⁶ WHEN I TURNED THE CORNER onto the garden path, she was there, sharp and knife-bright. A blue dress clung to her skin as if damp. Her dark eyes held mine, and her fingers, chill and unearthly

Nesse momento, Pátroclo inicia seu embate com a deusa. Por um lado, Tétis repudia Pátroclo, achando impróprio para seu imaculado filho, pensando que o jovem exilado, seja um atraso e uma mácula na reputação de seu futuro destinado, *Aristos Achaion*.¹⁷ Como forma de separá-los, manda Aquiles para o mais longe possível. Mas, por outro lado, já vemos um Pátroclo mais corajoso e seguro quanto aos seus desejos. Mesmo com a advertência da deusa para que não procurasse seu filho, Pátroclo a contraria, e, em um acesso de coragem, foge do reino de Peleu em busca de Aquiles: “*Posso ir embora.* O pensamento foi rápido, aliciante. [...] Até Aquiles. Meu peito arfou, como para acompanhar o atropelo dos meus pensamentos.” (Miller, 2013, p. 60).¹⁸

Evidenciado durante os estudos sobre o *Bildungsroman*, um dos momentos essenciais na formação de um indivíduo é a educação, sendo esse momento crucial para a evolução pessoal de cada indivíduo. Chegamos então ao momento em que, ao fugir ao encontro de Aquiles, ambos iniciam seus estudos com o centauro Quíron¹⁹ no Monte Pélion, onde passam boa parte da adolescência. Dessa maneira, nesse período, percebemos alguns fatores contribuintes na formação de ambos. Primeiro, como dito, os personagens estão a estudar junto do centauro, logo, aprendendo sobre plantas medicinais, animais e caça, remédio, música e medicina – essa última sendo muito importante para Pátroclo no futuro.

O segundo se dá quando, aos 16 anos, em uma conversa com sua mãe, Aquiles descobre que ela não consegue observá-los nas montanhas. Esse fator dá a Aquiles a coragem de mostrar a Pátroclo que seus sentimentos são recíprocos. Ou seja, não existe o olhar da deusa – a qual rejeita veementemente a relação dos dois – sob a interação e o romance dos jovens. Mostrando então gostar de Pátroclo, os dois iniciam o seu relacionamento. Todavia, existem grandes impasses; por um lado, existe a alegria e o deleite de estarem juntos, sem mais se reprimir, podem finalmente demonstrar os sentimentos que têm um pelo outro.

pale, reached for me. My feet knocked against each other as she lifted me from the earth (Miller, 2012, p. 64).

¹⁷ *Aristos Achaion* ou *O Melhor dos Gregos*. Durante a obra, Aquiles é constantemente intitulado de *Aristos Achaion* pelos demais personagens. Sendo considerado um herói de guerra com bastante prestígio dentro do exército.

¹⁸ *I could leave. The thought was sudden, arresting. [...] And Achilles.* My chest rose and fell rapidly, as if trying to keep pace with my thoughts (Miller, 2012, p. 68).

¹⁹ O único “deus” centauro, conhecido como mestre dos heróis Jasão, Esculápio e Aquiles, e também como inventor da medicina e da cirurgia (Miller, 2013, p. 324). Na trama de *The Song of Achilles*, Quíron exerce um papel essencial, ao também ser professor de Pátroclo.

Contudo, existe o medo; bem mais por parte de Pátroclio do que de Aquiles – que demonstra naturalidade ao falar sobre. A mente de Pátroclio fica envolta em contradições, por um lado está feliz, por outro teme que os descubram, teme pela reputação de Aquiles, de que sua competência vire alvo de ataques, afinal ele está destinado a se tornar um guerreiro. Em um exemplo claro desse momento de impasse e contraste entre as visões de Pátroclio e Aquiles, temos o seguinte diálogo entre os personagens:

— Você acha que ele se enfurecerá? [...]
 — Acho que não — respondeu ele, pousando a mão em minha clavícula, a linha que gostava de percorrer com o dedo.
 — Mas poderia. Sem dúvida, já deve saber a esta altura. Deveríamos dizer algo? [...]
 — Se você quiser... — Era o que já havia dito antes.
 — E se ele ficar irritado conosco? [...]
 — Acho que não ficará. — Nossos olhares se encontraram. — Isso importa? Não vou parar. — Sua voz estava quente de desejo. Um arrepió me percorreu a pele.
 — Mas ele pode contar a seu pai. Ele ficará furioso — ponderei. [...]
 — E daí? — A primeira vez que ele proferira coisa semelhante, eu ficara chocado. (Miller, 2013, p. 91).²⁰

À vista disso, vemos que, por mais que Aquiles esteja agindo com certa indiferença em relação ao que os outros pensarão – pois psicologicamente Aquiles é bem mais maduro que seu companheiro – Pátroclio age com certa incerteza ou medo. Apesar do receio transparecido no diálogo, Pátroclio demonstra coragem ao final: “— Você se preocuparia se eles se irritassem? Sim. Ficaria apavorado se Quíron me repreendesse. A desaprovação sempre calara fundo em mim; [...] — Não — Eu disse por fim.” (Miller, 2013, p. 91-92).²¹ Contudo, por mais que, internamente, Pátroclio e Aquiles estejam contentados quanto à sua sexualidade e seu relacionamento, em concordância, o casal decide manter o relacionamento resguardado. Logo, eles começam então a performar uma heterossexualidade que

²⁰ “Do you think he will be angry?” [...]

“I don’t think he will.” He reached for my collarbone, the line he liked to draw his finger down.

“But he might. Surely he must know by now. Should we say something?” [...]

“If you like.” That is what he had said before.

“You don’t think he will be angry?” [...]

“I don’t know.” His eyes met mine. “Does it matter? I would not stop.” His voice was warm with desire. I felt an answering flush across my skin.

“But he could tell your father. He might be angry.” [...]

“So what if he is?” The first time he had said something like this, I had been shocked (Miller, 2012, p. 103-104).

²¹ “Do you care if they are angry?” Yes. I would be horrified to find Chiron upset with me. Disapproval had always burrowed deep in me; [...] “No,” I told him (Miller, 2012, p. 104).

não lhes pertence. À vista dos outros personagens, com exceção de Tétis, os dois são apenas amigos: guerreiro e escudeiro. Destacando essa ideia, Butler (2018) comprehende que, em uma forma de “defesa”, o homem gay, camufla sua homossexualidade forçando uma masculinidade que, dessa forma, torna-o não muito diferente de seus equivalentes heterossexuais.

Ao longo da narrativa, é possível notar a evolução do personagem principal. Em outra cena, Aquiles fala para Pátroclo: “— agora, você não desiste com tanta facilidade como antes.” (Miller, 2013, p. 95).²² De exemplo temos: a fuga do palácio do Peleu; o “enfrentamento”, por assim entendermos, à deusa Tétis; a melhora em alguns aspectos de sua autoestima, sua desenvoltura ao conversar com Aquiles; bem como os aprendizados com o centauro Quíron. Todavia, Pátroclo ainda sofre de uma certa fobia social quando está rodeado de outras pessoas, agarrando-se à figura de Aquiles como uma forma de âncora, contra a timidez e introversão.

Comum em romances de formação e visto nos estudos do *Bildungsroman*, existem momentos em que, passado o momento de educação, o jovem em formação sai em aventuras, explorando, passando por provações e se conhecendo e amadurecendo. Em continuidade, a trama se encaminha ao início da guerra, sendo seu estopim o suposto sequestro de Helena, a quem Pátroclo havia feito um juramento.²³ Eventualmente, dada a profecia de que Aquiles morreria na guerra – de conhecimento apenas dos deuses – a deusa Tétis decide escondê-lo. Esses momentos tornam-se importantes para a narrativa e análise, pois são a partir deles que evidenciamos o escalar de Pátroclo rumo ao seu desenvolvimento. Enfim, após procurá-lo por todo o palácio, Pátroclo se vê desamparado sem a presença do herói, como evidencia a passagem: “Ao meio-dia, fui até o quarto de Peleu. Pode-se medir a intensidade de meu **desespero** pelo fato de eu ter ousado fazer isso: jamais falara ao velho a sós.” [grifo nosso] (Miller, 2013, p. 105).²⁴

Em contrapartida, o desespero pelo sumiço de Aquiles é justamente o que dá coragem a Patroclo. Por fim, decide encontrá-lo mesmo com a clara desaprovação da deusa. Após aventurar-se em navios, o protagonista chega à ilha Cirus. Lá,

²² “You do not give things up so easily now as you once did,” (Miller, 2012, p. 108).

²³ No início da obra, ainda criança, Pátroclo foi levado por seu pai Menécio, para pedir a mão de Helena em casamento. À vista disso, é que, através de uma ideia astuta proposta por Odisseu, Pátroclo é obrigado a fazer um juramento, que visasse o acato à decisão de Helena, como também defender seu marido – Menelau – de quem quer que tentasse arrebatá-la.

²⁴ It was midday when I sought out Peleus’ room. It was a sign of the size of my unease that I went at all: I had never spoken to the old man alone before. (Miller, 2012, p. 120).

usando nome falso, Pátroclo consegue um encontro com Deidâmia,²⁵ princesa do lugar. Se antes era tímido e inseguro demais para cogitar fazer tal ato, agora, instigado pela coragem e desejo de encontrar seu amado, Pátroclo consegue, com desenvoltura, conversar e mentir para a princesa, que por sua vez, convida-o para o jantar. Nesse momento, durante uma dança das mulheres, comandadas por Deidâmia, Pátroclo reconhece, mesmo que coberto por véus, Aquiles, que estava disfarçado de mulher. Mais tarde, revela-se ter sido ideia e ordem da deusa Tétis.

Passado o momento de revelações e reencontros, fingindo ser um casal – com Aquiles disfarçado de mulher – os dois passam dias vivendo em Cirus tranquilamente. Todavia, tudo muda quando, à procura do herói, Odisseu e Diomedes executam uma armadilha para revelar o príncipe, e chantageá-lo. Conforme a seguinte passagem:

— Pois bem, vocês me encontraram. Que esperam de mim?
 — Que venha conosco para Troia — disse Odisseu.
 — E se eu não quiser?
 — Então contaremos sobre isto para todos. — E Diomedes ergueu do chão o vestido que Aquiles despira. Aquiles enrubesceu como se houvesse recebido uma ofensa. Uma coisa era envergar trajes femininos por necessidade; outra bem diferente era permitir que o mundo ficasse sabendo disso. Nossa gente reservava os piores nomes para homens que agiam como mulheres; vidas já tinham sido ceifadas por causa de insultos desse tipo. (Miller, 2013, p. 141).²⁶

Nessa perspectiva, a partir da ideia de que a sociedade grega antiga, além de heteronormativa, era patriarcal e machista, em que a mulher era vista como inferior, supõe-se que um homem se submeter a assumir o papel feminino, ou agir com certa feminilidade, não era bem visto. Destarte, Odisseu e Diomedes usam-se do trunfo na tentativa de obrigar Aquiles a lutar na guerra de Troia. Nesse momento da história, ambos os personagens, instigados por Odisseu, confrontam a deusa Tétis acerca da profecia, obtendo conhecimento sobre o destino do guerreiro semideus.

²⁵ Durante o tempo em que esteve na ilha sem a presença de Pátroclo, sendo manipulado por sua mãe, Aquiles engravidou a princesa Deidâmia, que mais tarde dá à luz a Pirro.

²⁶ “Well? You’ve found me. What do you want?”

“We want you to come to Troy,” Odysseus said.

“And if I do not want to come?”

“Then we make this known.” Diomedes lifted Achilles’ discarded dress. Achilles flushed as if he’d been struck. It was one thing to wear a dress out of necessity, another thing for the world to know of it. Our people reserved their ugliest names for men who acted like women; lives were lost over such insults. (Miller, 2012, p. 163).

Entretanto, mesmo tendo conhecimento do destino, em um ato que evidencia a maturidade e desenvolvimento tanto de Pátrocl como de Aquiles, os personagens decidem rumar para a guerra, mesmo sob o fardo de um fim trágico. Considerando os estudos do romance de formação, entendemos que o ambiente é um dos fatores essenciais na formação dos indivíduos. Assim dizendo, o campo de batalha em Troia mostra-se um importante estimulante, na formação de Pátrocl e Aquiles.

Nessa instância, intimamente, Pátrocl e Aquiles demonstram estarem totalmente confortáveis com seu relacionamento; eles estão conformados quanto às suas orientações sexuais, diferente de antes, quando o protagonista tentava, em vão, desvencilhar seus pensamentos da figura masculina de Aquiles e pensar em figuras femininas.

Porém, por estarem em um local de guerra, rodeados de homens guerreiros, que adoravam e veneravam Aquiles como o melhor de todos os guerreiros, careciam de uma maior cautela dos amantes frente aos desafios que uma possível revelação poderia acarretar. Em concordância com essa ideia, em dado momento da trama, ao navegarem à Troia, Odisseu provoca – não em tom de desaprovação, mas de aviso – os jovens com insinuações de possuir conhecimento de que alguns fuxicos se espalham entre os homens:

— Ótimo. Uma tenda é suficiente, creio eu. Ouvi dizer que vocês preferem partilhar... quartos e camas.
 O rubor e a surpresa tingiram meu rosto. Ouvi, ao lado, Aquiles conter o fôlego.
 — Ora, vamos, não há motivo para vergonha. Isso é muito comum entre meninos. — Coçou o queixo, observando-nos. — Embora, na verdade, já não sejam meninos. Que idade vocês têm?
 — Não é verdade — gritei. O sangue em minhas faces aqueceu minhas palavras, que ecoaram alto na praia. Odisseu franziu o cenho.
 — Verdade é aquilo em que os homens acreditam, e eles acreditam nisso a respeito de vocês. Talvez, porém, estejam enganados. Deixem para trás esse boato quando forem para a guerra. (Miller, 2013, p. 151-152).²⁷

²⁷ “Excellent. One tent’s enough, I hope? I’ve heard that you prefer to share. Rooms and bedrolls both, they say.”

Heat and shock rushed through my face. Beside me, I heard Achilles’ breath stop.

“Come now, there’s no need for shame—it’s a common enough thing among boys.” He scratched his jaw, contemplated. “Though you’re not really boys any longer. How old are you?”

“It’s not true,” I said. The blood in my face fired my voice. It rang loudly down the beach. Odysseus raised an eyebrow. “True is what men believe, and they believe this of you. But perhaps they are mistaken. If the rumor concerns you, then leave it behind when you sail to war.” (Miller, 2012, p. 175).

Sob essas circunstâncias, Pátroclo, por medo das consequências negativas na reputação de Aquiles, caso houvesse a revelação de seu segredo, entra em um conflito. O jovem também lembra de seu diálogo com a deusa Tétis – no qual, ao conversarem sobre a profecia que colocaria fim à vida de Aquiles, em tom de ameaça, a deusa avisa: “não vá desgraçá-lo. Você entendeu?” (Miller, 2013, p. 147).²⁸ – Ele entra em um leve conflito com o semideus, com a ideia de manterem-se mais afastados, a fim de não levantarem suspeitas. No entanto, o herói recusa a oferta, mostrando novamente que pouco se importa, caso o segredo seja revelado. Nesse ponto da narrativa, vemos que Aquiles mostra-se mais seguro que Pátroclo; ele não se importa com as opiniões e visões alheias, diferente do protagonista que a todo momento tenta manter uma distância a fim de não atrair olhares e, assim, evitar “desgraçar” o *Aristos Achaion*.

Mais adiante, durante algumas incursões feitas pelo exército grego, entra em cena Briseida, inicialmente sendo uma prisioneira de guerra e possível escrava sexual; no mito de Homero, Briseida torna-se mulher de Aquiles, todavia, na obra de Miller, após Aquiles tomá-la como prêmio a pedido de Pátroclo, ela torna-se sua amiga e confidente nos anos vindouros. Na visão de muitos guerreiros e dos reis, Aquiles tomou-a para prazer próprio. O casal usa a situação com o intuito de reforçar o disfarce para o exército, mostrando a todos o quanto másculo seu herói era, como ocorre na cena na qual Aquiles arrebata Briseida: “no fundo do tablado, Odisseu ergueu uma sobrancelha. [...] A multidão aprovou aos gritos — queria que seus comandantes fossem generosos, que seus heróis se mostrassem audazes e viris.”

No contexto da narrativa, a Guerra de Troia dura dez longos anos. No seu início, Pátroclo ainda é jovem, e carrega consigo os traumas de infância dos quais ainda não conseguiu se desprender. Ademais, o protagonista não desenvolveu sua identidade completamente. Inclusive, o protagonista não sabe qual seu lugar no exército, tampouco se é capaz de lutar. Ao combater o exército troiano, o personagem fica parado num mesmo lugar – envolto na proteção de Aquiles – sem conseguir sequer combater algum inimigo. Consequentemente, essas são perspectivas do personagem consigo mesmo, que nos são permitidas entender a partir da narração autodiegética.

Com o passar do tempo, a guerra se estende por semanas, um mês, depois dois, e assim por diante. A presença de Pátroclo nas lutas já não é tão determinada

²⁸ “You will not disgrace him. Do you understand?” (Miller, 2012, p. 170).

como antes, o protagonista passa a ficar mais tempo no acampamento, o que o leva a refletir sobre sua possível inutilidade, como ele narra:

Eu não precisava ir com ele todas as vezes, como receara. Quanto mais a guerra se arrastava, menos importante parecia arrancar cada grego de sua tenda. Eu não era um príncipe, constrangido a preservar a honra a todo custo. Eu não era um soldado que devia acatar ordens nem um herói cuja habilidade fazia falta. Era um exilado, **um homem sem condição nem prestígio.** [grifo nosso] (Miller, 2013, p. 209).²⁹

À vista disso, numa tentativa de ocupar a mente e se distrair, como também de ser útil para a guerra, Pátroclo chega à tenda médica, onde conhece Macaonte. No local, o protagonista experiencia uma série de sentimentos, do desespero e insegurança, à determinação: “procurei ocultar o pânico que me dominava e parecer seguro.” (Miller, 2013, p. 206),³⁰ em outro trecho, o jovem narra o contato com um guerreiro: “— Uma faca, rápido. A mais afiada que encontrar. — Eu próprio me surpreendi com o tom autoritário de minha voz e a obediência instantânea que ele provocou.” (Miller, 2013, p. 207).³¹ Assim, colocando de lado a insegurança e o medo, o protagonista, lembrando-se dos ensinamentos de Quíron, inicia então sua jornada como ajudante médico.

Com o passar do tempo, e da idade, Pátroclo acostuma-se com a ideia da fatalidade que aguarda Aquiles no futuro, o que podemos entender como uma certa maturidade emocional adquirida pelo protagonista. Juntos, o casal forma o que Pátroclo chama de família; eles, Briseida e outras mulheres tomadas por Aquiles – a fim de impedi-las de serem estupradas –, o jovem Automedonte e o ancião Fênix. Reunidos em volta da fogueira, podiam comer, conversar e rir, como de fato uma família. Constatava-se que Pátroclo preencheu seu vazio existencial ocasionado pela ausência parental na qual ele cresceu. O protagonista se vê acolhido por pessoas que lhe estimam pelo que ele é, sem olhares críticos ou julgamentos. Como evidenciado por Puga, além do ser humano definir-se por contextos de religião,

²⁹ I did not have to go with him as often as I had feared. The longer the war dragged on, the less it seemed important to roust every Greek from his tent. I was not a prince, with honor at stake. I was not a soldier, bound to obedience, or a hero whose skill would be missed. I was an exile, a man with no status or rank (Miller, 2012, p. 240-241).

³⁰ I tried to look reassuring, tried not to show the panic I was feeling (Miller, 2012, p. 249).

³¹ “A knife, quickly. Sharp as you can find.” I surprised myself with the brisk authority in my voice, the instant obedience it provoked (Miller, 2012, p. 250).

cultura, geografia etc., ele também se (re)constrói ao longo do tempo a partir das relações familiares e de amizade. (Pulga, 2016).

Passados seis a sete anos, Pátroclo narra o sentimento de solidariedade e camaradagem entre todo o exército. Os anos vivendo juntos, compartilhando história e suprimentos, transformaram Troia em uma espécie de lar, contribuindo para uma consciência de união em prol de um objetivo. Em continuidade, Pátroclo aprimora-se em suas funções como médico, e mais que isso, o protagonista ganha certo prestígio em meio aos demais por conta de seus cuidados e atenção. Entre os guerreiros, Pátroclo torna-se conhecido e respeitado. Em certo momento da narrativa, ele diz que passa mais tempo na tenda médica do que com Aquiles, que luta na guerra. O protagonista narra e conhece cada soldado, assim como seus enfermos, mostrando como tanto para ele quanto para seus novos amigos esse reconhecimento é importante. A exemplo disso, Pátroclo articula:

Eu me comovia vendo que confiavam muito em mim, fitando-me com olhos esperançosos e ávidos de conforto; aprendi a gostar deles, por mais teimosos que se mostrassem nos conselhos. Ganhei certa reputação, certo prestígio no acampamento. Era procurado, conhecido pela agilidade de minhas mãos e por causar o mínimo de dor aos pacientes. Podalírio passava cada vez menos tempo na tenda — era eu quem lá ficava quando Macaonte saía. (Miller, 2013, p. 227).³²

Nesse contexto da história, Pátroclo sente que tem um propósito, uma função, já não se vê inútil e invisível como antes, a timidez que o impedia de socializar agora já não existe mais. O personagem vê que os soldados necessitam de seus cuidados, seu círculo social de amigos precisa de sua assistência. Logo, é possível observar uma transformação de sua identidade, sendo ela moral/social acarretada pelo reconhecimento e respeito ganhados frente ao grupo bélico; emocional, ocasionada a partir de suas relações de amizades e familiares; e física, dado seu trabalho braçal na tenda. Essas características contribuem para seu amadurecimento e formação de sua identidade como indivíduo.

³² It moved me to see how much they trusted me, turned hopeful faces towards me for comfort; I grew to like them, no matter how difficult they were in council. I developed a reputation, a standing in the camp. I was asked for, known for my quick hands and how little pain I caused. Less and less often Podalerius took his turn in the tent—I was the one who was there when Machaon was not (Miller, 2012, p. 260-261).

Na parte final do romance, o relacionamento de Pátroclo e Aquiles é de conhecimento de pessoas como Briseida, Odisseu e Fênix. Todavia, Tétis mostra-se intensamente contra o romance, tanto por achar Pátroclo indigno demais, quanto Aquiles importante demais. Para Pátroclo, “Tétis nem parecia ter percebido que eu estava ali, mas agora seus olhos me encontraram e seu nariz se franziu como se sentisse um cheiro desagradável. [...] — Ele não é digno de você. Nunca foi.” (Miller, 2013, p. 230).³³ O protagonista não demonstra importar-se, com o desprezo da deusa.

Outro conflito com destaque para a formação dos personagens principais da história tem relação com o desentendimento entre Aquiles e Agamêmnon, comandante supremo do exército grego e rei de Micenas. Não dispondo de simpatias um pelo outro, ambos passam boa parte da guerra com pequenas rixas. Agamêmnon acusa Aquiles de traição, privando-o de todos os seus prêmios de guerra, incluindo Briseida. Por fim, cego pela ira e sentindo-se humilhado, essa ação fomenta a saída do herói semideus da guerra.

Passado esse momento, em um ato de coragem e astúcia, Pátroclo entra em um embate com o rei de Micenas. Tendo em vista as intenções do comandante, e a indiferença de Aquiles, o protagonista faz um juramento de sangue perante Agamêmnon, no intuito de garantir a proteção de sua amiga Briseida. Quando enfim consegue, convencer o rei a mantê-la segura, ele regressa ao acampamento.

Estes acontecimentos dão um novo rumo à história, de modo que a recusa de Aquiles em lutar faz com que outros personagens entrem em cena, a exemplo de Fênix, Odisseu e Ájax, que buscam trazer o herói semideus de volta à guerra. Para convencer Aquiles, Fênix conta uma breve história, na qual, após sentir sua honra maculada e ofender-se – tal qual Aquiles –, o jovem herói Meléagro decide não defender sua cidade sitiada por um povo feroz e violento; é quando, vendo a cidade prestes a sucumbir, sua esposa Cleópatra, implora para que volte a lutar. Movido pelo amor à sua esposa, ele então cede. Ouvindo essa história, Pátroclo também entende o que o ancião tenta transmitir:

No silêncio, posso ouvir a respiração de Fênix, fatigada pela longa narrativa. Não digo nada, não faço um movimento; temo que alguém leia os pensamentos claramente estampados em meu rosto.

³³ She had not seemed to know I was there, but now her eyes found me, and her nose wrinkled, as if at a rising stench. [...] “He is not worthy of you,” she said. “He has never been.” (Miller, 2012, p. 264).

Meléagro não lutara pela honra, pelos amigos, pela vitória, pela vingança ou mesmo pela própria vida: lutara por Cleópatra, ajoelhada a seus pés e com a face banhada em lágrimas. Ali estava a astúcia de Fênix: Cleópatra, Pátroclo. O nome dela era o meu, com as sílabas invertidas. (Miller, 2013, p. 268-269).³⁴

Movido pela história, Pátroclo, depois de tanto tempo, decide entrar na luta como guerreiro. Do mesmo modo, implora para que Aquiles volte à luta; dada a recusa do herói, lhe surge uma arriscada ideia: ir para a batalha na armadura de Aquiles, no intuito de enganar seus inimigos e ganhar tempo. O trecho é narrado da seguinte forma:

Envie os mirmidões, pelo menos. Ou mande-me em seu lugar. Envergarei sua armadura e os liderarei. Todos pensarão que sou você. — Essas palavras deixam-nos a ambos perplexos. Parecem vir por meu intermédio, não de mim, como se fossem pronunciadas pela boca de um deus. Mas apego-me a elas como um naufrago. [...] — Mas você não sabe lutar — diz. — Não será necessário. Os troianos o temem a tal ponto que, quando eu aparecer, fugirão. (Miller, 2013, p. 281).³⁵

Após um leve embate entre o casal, Aquiles, por fim, permite que Pátroclo execute o arriscado plano, com a condição de não lutar e manter-se a todo momento no carro. Ao recapitularmos a história, vemos quanto o protagonista está mudado. Se antes jamais pensaria em realizar tal atitude arriscada, agora ele está determinado a ajudar os gregos no campo de batalha. Todavia, Pátroclo não segue os conselhos de Aquiles, e, como que para comprovar sua mudança e sua evolução, o protagonista luta; os instintos do personagem fluem enquanto adentra no campo de guerra, comandando os mirmidões. De início, Pátroclo abate um, depois dois, três soldados inimigos com destreza e habilidades que ele próprio não tinha conhecimento. Na sua perspectiva:

³⁴ In the silence, I can hear Phoinix's breaths, labored with the exertion of speaking so long. I do not dare to speak or move; I am afraid that someone will see the thought that is plain on my face. It was not honor that made Meleager fight, or his friends, or victory, or revenge, or even his own life. It was Cleopatra, on her knees before him, her face streaked with tears. Here is Phoinix's craft: Cleopatra, Patroclus. Her name built from the same pieces as mine, only reversed (Miller, 2012, p. 309-310).

³⁵ "Send the Myrmidons at least. Send me in your place. Put me in your armor, and I will lead the Myrmidons. They will think it is you." The words shocked us both. They seemed to come through me, not from me, as though spoken straight from a god's mouth. Yet I seized on them, as a drowning man. [...] "But you cannot fight," he said.

"I will not have to! They are so frightened of you, if I show myself, they will run." (Miller, 2012, p. 324).

Talvez fosse pela armadura que me cingia. Talvez pelos anos que passara observando Aquiles. Mas agora meus ombros não descaíam desairosamente como antes. Estavam mais imponentes, mais fortes, mais equilibrados. E então, sem que eu sequer percebesse o que estava fazendo, arremessei a lança — uma longa espiral diretamente contra o peito de um troiano. A tocha que ele vibrava contra o navio de Idomeneu caiu na areia enquanto seu corpo tombava para trás. Se ele sangrou, se o seu crânio se partiu deixando entrever o cérebro, isso eu não pude ver. *Morto*, pensei. (Miller, 2013, p. 284-285).³⁶

Pátroclo é movido pela euforia, sente-se forte e corajoso, os reis o seguem rumo ao recuo do exército troiano. Com destreza e assertividade, o protagonista acerta os alvos, dilacerando ventres, gargantas, pulmões e corações, como o próprio descreve. Por fim, durante um combate a longa distância, mata o herói semideus Sarpédon, filho de Zeus. Esse ato desperta mais coragem e determinação no guerreiro, que, ao deparar-se com as altas muralhas de Troia, pensa conseguir invadir a cidade considerada impenetrável. Quão glorioso seria adentrar na cidade, pensa o personagem: “Troia estava praticamente desguarnecida. Uma criança poderia tomá-la agora. A ideia da queda de Troia me invade com um prazer traíçoeiro. Os troianos merecem ver sua cidade destruída.” (Miller, 2013, p. 287).³⁷

Vendo-se sozinho, com apenas o cadáver de Sarpédon ao seu lado, o protagonista tenta escalar as muralhas de Troia, mas depara-se com o deus Apolo deitado no parapeito. Tendo tomado partido pelo lado troiano, o deus derruba o protagonista do muro, removendo o elmo que resguardava o seu disfarce. Rapidamente, soldados troianos cercam Pátroclo, movidos pela coragem de descobrir que na verdade ele não era Aquiles. Mesmo envolto em pânico e terror pelo perigo eminente, Pátroclo, com certa agilidade, consegue esquivar-se de golpes e lanças arremessadas, como ele descreve: “outra lança mira meus joelhos, para me fazer perder o equilíbrio. Salto sobre ela, espantado por ainda estar vivo. Nunca fui tão ligeiro em minha vida.” (Miller, 2013, p. 289).³⁸ Contudo, um golpe traíçoeiro o

³⁶ Perhaps it was the armor, molding me. Perhaps it was the years of watching him. But the position my shoulder found was not the old wobbling awkwardness. It was higher, stronger, a perfect balance. And then, before I could think about what I did, I threw—a long straight spiral into the breast of a Trojan. The torch that he had been waving at Idomeneus’ ship slipped and guttered in the sand as his body pitched backwards. If he bled, if his skull split to show his brain, I did not see it. *Dead*, I thought (Miller, 2012, p. 328).

³⁷ Troy is utterly unguarded. A child could take it now. The thought of Troy’s fall pierces me with vicious pleasure. They deserve to lose their city (Miller, 2012, p. 332).

³⁸ A spear stabs towards my knees, meant to trip me. I leap it, shocked I am not dead already. I have never been so fast in all my life (Miller, 2012, p. 334).

atinge pelas costas, impossibilitando-o de continuar as esquivas. No fim, em um último vislumbre, Pátroclo vê a chegada de Heitor, o qual impiedosamente coloca um fim à vida e jornada do herói.

Tendo em vista o narrador autodiegético, é de se esperar um questionamento sobre o problema que seria continuar o desfecho da história com a morte do protagonista. Em sua obra *Mito & Pensamento Entre os Gregos*, Vernant escreve acerca da ideia que os indivíduos da Grécia arcaica tinham sobre o pós-morte. Para eles, a alma/espírito (*psyché*) só poderia enfim ir para o outro mundo após a conclusão de seus rituais fúnebres e sepultamento, caso contrário, sua alma vagaria presa ao lugar onde morreu (Vernant, 1990). Homero faz uma referência a essa ideia em sua obra *Odisseia*, quando a alma de Elpenor implora para que Odisseu lhe dê uma sepultura. (Homero, 2016).

Logo, Miller utiliza dessa artimanha para dar continuidade à narrativa autodiegética, pois a alma de Pátroclo, ainda vagando pela ausência sepultada, continua a narração. Envolto em luto e tristeza, Aquiles enfim mata Heitor como vingança pelo seu amado, e arrasta o corpo do soldado inimigo por dias, até enfim devolvê-lo a seu pai. Em continuação, o herói semideus crema o corpo de Pátroclo e coloca suas cinzas em uma urna. Após isso, voltando-se para os seus mirmidões, exige que, após sua morte suas cinzas sejam misturadas e sepultadas juntas; já não há mais motivos para segredos, Aquiles não se importa com o que vão pensar. Envolvido pela tristeza, o herói então espera o momento de sua morte; quando enfim morre, suas cinzas são misturadas.

Entretanto, o empecilho do romance do casal se dá pelos preconceitos frente à sociedade heteronormativa, mas, também, pela ideia de mácula à reputação de Aquiles. Sendo ele uma grande figura respeitada no exército, não era permitido que um homem que se deitasse com outro homem possuísse tal notoriedade. Logo, quando criam uma sepultura para Aquiles, Pirro, já adolescente, nega que o nome de Pátroclo seja posto ao lado do de seu pai, mesmo com as cinzas misturadas. Como narra o protagonista, “— Não há lugar para o escravo no túmulo do senhor. Se as cinzas já estão misturadas, é impossível separá-las, mas não permitirei que coisa alguma obscureça a glória de meu pai.” (Miller, 2013, p. 309).³⁹

³⁹ “A slave has no place in his master’s tomb. If the ashes are together, it cannot be undone, but I will not allow my father’s fame to be diminished. The monument is for him, alone.” (Miller, 2012, p. 357).

Posteriormente, em uma última tentativa de Odisseu, Pirro responde: “— Ele é uma mancha na honra de meu pai e na minha.” (Miller, 2013, p. 315).⁴⁰

O exército vai embora e Pátroclio fica; vagando pelas terras de Troia sem nenhuma saída, já não lhe há esperanças. Porém, na sepultura de Aquiles – de ambos – ele depara-se com uma figura, Tétis. O protagonista nota uma certa frequência nas visitas, e quando percebe que Tétis o escuta, tenta o contato. De início ignorado, finalmente Tétis responde ao seu chamado. Aquela que sempre ignorou, desprezou e odiou Pátroclio, finalmente escuta com atenção o protagonista narrar todos os momentos felizes em que esteve ao lado de Aquiles – diferente dos momentos sanguinolentos esculpidos no mármore da sepultura. Pátroclio narra as bondades de Aquiles, como tomar para si escravas que seriam molestadas, suas habilidades na lira e no canto. No final, percebendo o quanto os dois foram felizes ao lado um do outro, Tétis finalmente acolhe o relacionamento, escrevendo “Pátroclio” ao lado de “Aquiles”, e, em conclusão, profere as seguintes palavras: “ — Vá — diz Tétis. — Ele o espera.” (Miller, 2013, p. 320).⁴¹

⁴⁰ “He is a blot on my father’s honor, and a blot on mine. I will not allow it.” (Miller, 2012, p. 364).

⁴¹ “Go,” she says. “He waits for you.” (Miller, 2012, p. 369).

5 CONCLUSÃO

A partir das discussões e conceitos apresentados, a pesquisa viabilizou analisarmos como ocorre a evolução/amadurecimento do personagem principal da obra *The Song of Achilles*. A narrativa é autodiegética, narrada do ponto de vista de Pátroclo. Dessa forma, observamos as problemáticas durante a vida do personagem, conhecendo o protagonista internamente. Logo, a história nos permite perceber o quanto difícil é para o personagem se encaixar em uma sociedade excludente. Por outro lado, os conflitos vividos pelo protagonista servem como estímulos que proporcionam a evolução e a formação da sua identidade.

Os objetivos propostos para a pesquisa foram alcançados durante a análise crítica. Ao discorrer sobre o romance, foi viável entender suas características frente ao conceito do *Bildungsroman*, bem como entender suas reverberações do conceito no romance contemporâneo. Também, por meio de uma busca para análise e estudos históricos, foi permitido compreender os aspectos referentes ao gênero e à sexualidade na formação da identidade do sujeito, bem como suas inserções nos estudos literários. Destarte, a união dessas ideias, possibilitou analisar os estímulos internos e externos presentes na obra e que contribuíram para a construção da identidade de gênero de Pátroclo.

Dessa forma, o questionamento do problema de pesquisa foi respondido, uma vez que a análise, embasada nos conceitos estudados, possibilitou verificar os aspectos que desencadearam o desenvolvimento social e emocional do personagem principal. Além disso, quanto à identidade e sexualidade de Pátroclo, mesmo vivendo em uma sociedade heteronormativa, estas demonstram que sua relação com Aquiles lhe serviu como um pilar no enfrentamento dos preconceitos e problemas aos quais veio a enfrentar. Ademais, suas relações de amizade e trabalho influenciaram na sua ascensão social.

As hipóteses também foram comprovadas. Por intermédio do *Bildungsroman*, entende-se que estímulos influenciam no amadurecimento dos personagens do romance de formação contemporâneo. No contexto da narrativa de Miller, estudar e analisar a vida de Pátroclo permite compreender o desenvolvimento do personagem a partir de seus traumas, anseios e medos, bem como entender como estes aspectos podem ser superados: o abandono parental preenchido, relações de amizades; a autocritica e autodepreciação, dando lugar à segurança e aceitação,

provindo da estima de quem o ama e quem o rodeia; e, o crescimento social provindo do trabalho e reconhecimento. Por fim, observamos que, mesmo em um ambiente repressivo quanto ao relacionamento homoafetivo, que o odeia apenas por ser quem é, Pátroclo resiste contra a norma do sistema, constrói e aceita sua identidade como um homem queer. No contexto da mitologia grega, essa luta permanece mesmo após a morte.

Em síntese, em *The Song of Achilles*, vemos que a construção da narrativa de Miller reescreve uma história clássica para problematizar as experiências da vida social e pessoal de personagens queer. A trama de Miller explana os preconceitos de uma sociedade heteronormativa, que, em uma tentativa de opressão, tenta descredibilizar a identidade de pessoas homossexuais. Por fim, ressalta-se a urgente necessidade de evidenciar mais trabalhos literários que elucidem a desigualdade de gênero e que busquem a inclusão identitária.

REFERÊNCIAS

ADKINS, Judith. **Congressional Investigations and the Lavender Scare**. National Archives, 2016, vol. 48, N. 2. Disponível em: <https://www.archives.gov/publications/prologue/2016/summer/lavender.html>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas e Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. 16º ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. **Homoerotismo na Grécia Antiga** – Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades. pp. 19-24. Rio Grande: Biblos, 2006. Disponível em:
file:///C:/Users/alves/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/TCC-%20teoria/HOMOEROTISMO%20NA%20GR%C3%89CIA%20ANTIGA%20%E2%80%93%20HOMOSSEXUALIDADE%20E%20BISEXUALIDADE,%20MITOS%20E%20VERDADES.pdf. Acesso em: 4 jun. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Coordenadora de Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1**: a vontade de saber. 13ª ed. Tradução: Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopez Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. n° 1, pp. 21-35. Lisboa: Comunicação & cultura. 2006.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução do grego, introdução e análise de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAAS, Wilma Patricia. **O Cânone Mínimo:** O *Bildungsroman* na História da Literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MELO, Danilo Rodrigues; PENNA, João Camillo. **Literatura e HIV/AIDS:** Reflexões Sobre a Era Pós-Coquetel. Revista Z Cultural, 2017, Ano XII - N° 01. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-e-hiv aids-reflexoes-sobre-a-era-pos-coqu etel/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

MILLER, Madeline. **A canção de Aquiles.** Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. 1. ed. São Paulo: Jangada, 2013.

MILLER, Madeline. **The Song of Achilles.** New York: Ecco, 2012.

MORETTI, Franco. **O romance:** história e teoria. Tradução: Joaquim Toledo Jr. Teorias do Romance, pp. 200-213, 2009.

NOVA, Sebastião Vila. **Introdução à Sociologia.** 6. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2016.

PUGA, Rogério Miguel. **O Bildungsroman** (Romance de Formação): Perspectivas. 1. ed. Londres: Institute of Modern Languages Research, University of London and CETAPS, 2016.

SANTOS, Maria José Moutinho. **Perspectivas sobre a situação da mulher no século XVIII.** Revista de História. vol. 04, Instituto Nacional de Investigação Científica, Porto. Centro de História da Universidade do Porto, pp. 35-48, 1981.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento Entre os Gregos:** Estudos de Psicologia Histórica. Tradução: Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNEY, L. A. **Verdadeiro método de estudar:** para ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necesidade de Portugal, exposto em várias cartas. Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle [Genaro e Vicenzo Muzio], 1746.

VRISSIMTZIS, Nikos. **Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga.** Tradução: Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.

WATT, Ian. **A ascensão do romance:** estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.